



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

EDMARA FERREIRA DE LIMA

**EDUCOMUNICAÇÃO: uma análise midiática dos meios de comunicação
na biblioteca escolar**

FORTALEZA
2006

EDMARA FERREIRA DE LIMA

**EDUCOMUNICAÇÃO: uma análise midiática dos meios de comunicação
na biblioteca escolar**

Monografia apresentada como requisito
para a conclusão do Curso de
Biblioteconomia da Universidade Federal
do Ceará.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa

FORTALEZA
2006

L732e

Lima, Edmara Ferreira de

Educomunicação: uma análise midiática dos
meios de comunicação na biblioteca escolar /
Edmara Ferreira de Lima. – Fortaleza, 2006.

85p. : il.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia)
– Universidade Federal do Ceará, Departamento
de Ciências da Informação.

1. Educação. 2. Comunicação. 3. Meios de
comunicação. 4. Mídia. 5. Biblioteca escolar.
6. Educomunicação I. Título.

CDD 370.19

EDMARA FERREIRA DE LIMA

**EDUCOMUNICAÇÃO: uma análise midiática dos meios de comunicação
na biblioteca escolar**

Monografia apresentada como requisito
para a conclusão do Curso de
Biblioteconomia da Universidade
Federal do Ceará.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Luiz Tadeu Feitosa
Orientador

Prof^o Dr. Casemiro Silva Neto
Examinador

Prof^o Dra. Inês Silvia Vitorino Sampaio
Examinadora

A Deus, pelo dom do meu existir.

Aos meus pais, pela minha criação e educação.

A Sinval Filho, por todo amor e carinho.

A vovô Antonio, em memória, por me ensinar à simplicidade da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu a perseverança, a inteligência e a paciência no período de execução deste trabalho.

Ao Prof. Tadeu Feitosa, que propôs a temática deste trabalho, acompanhou e no momento final, escrevemos a monografia a quatro mãos.

A Neiva Marinho, bibliotecária do Colégio Ari de Sá Cavalcante, pelas informações repassadas de fundamental importância para a pesquisa.

Ao Prof. Casemiro Neto e a Prof^a. Inês Sampaio, por aceitarem participar da banca examinadora.

Aos meus pais e minha irmã Taynara, por me apoiarem em todas as minhas decisões e escolhas.

Ao Sinval Filho, meu amor, que esteve comigo em todos os momentos deste trabalho, dando-me a ajuda necessária.

A Zuleide Leandro, bibliotecária da SEMACE, que para mim é um exemplo de dedicação à profissão e pelos ensinamentos recebidos no período de estágio.

A Luzineide Andrade, pela amizade e por me ajudar quando mais precisei.

A todos os meus amigos que participaram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho.

“Tudo vale a pena, se a alma não é
pequena”.

Fernando Pessoa

RESUMO

Trata sobre a biblioteca escolar, seus serviços e as atividades que desempenha na educação formal. Aborda também, a educomunicação, seus conceitos, a educação para os meios de comunicação; o estudo dos fenômenos midiáticos e a educomunicação segundo Paulo Freire. Propõe o desenvolvimento da educomunicação na biblioteca escolar, permitindo as crianças e jovens uma transformação na maneira de perceber os meios de comunicação, ampliando a imaginação e a capacidade de interferir na realidade pela mídia.

Palavras-chave: Educomunicação - Educação – Comunicação – Biblioteca escolar - Meios de Comunicação – Mídia.

ABSTRACT

It treats about the school library, your services and the activities that it carries out in the formal education. It also approaches the educommunication, your concepts: the education for the communication means; the study of the phenomena midiaticos and the educommunication second Paulo Freire. Propose the development of the educommunication in the school library, allowing the children and young a transformation in the way of noticing the communication means, enlarging the imagination and the capacity of interfering in reality for the media.

Words key: Educommunication – Education – Communication - School library - Means of Communication – Media.

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1 – Adolescente manuseando mesa de som do programa de rádio.....	28
FIGURA 2 – Adolescente apresentando programa infantil na rádio.....	28
FIGURA 3 – Site do Colégio Ari de Sá Cavalcante.....	56
FIGURA 4 – Estrutura física da biblioteca infantil Letícia Gontijo.....	61
FIGURA 5 – Outdoor de incentivo à leitura.....	68
FIGURA 6 – Outdoor de incentivo à leitura.....	68
FIGURA 7 – Estande da Feira do Livro na VI Semana Nacional do Livro e da Biblioteca...71	
FIGURA 8 – Divulgação no site do Colégio Ari de Sá sobre a VI Semana Nacional do Livro e da Biblioteca.....	72
FIGURA 9 – Temática abordada pela VI Semana Nacional do Livro e da Biblioteca: Ceará Conta e Encanta.....	72

LISTA DE SIGLAS

ONGs - Organizações Não Governamentais

MCP - Movimento Cultural Popular

SOP – Serviço de Orientação Psicopedagógica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A BIBLIOTECA ESCOLAR.....	16
2.1 A Biblioteca incluída no ensino primário	16
2.2 Características educacionais.....	20
2.3 Tratamento especial (sistema ensino/aprendizagem) e acervo tradicional frente á essas relações	23
3 EDUCOMUNICAÇÃO	27
3.1 Conceituação	27
3.2 Educar para os meios de comunicação	32
3.3 Estudo dos fenômenos midiáticos = meios de comunicação+ novas tecnologias	36
3.4 Educomunicação como projeto pedagógico: seguindo a trilha de Paulo Freire.....	42
3.5 Educomunicação na biblioteca escolar	47
4 BIBLIOTECA ESCOLAR-CO-ADJUVANTE NA EDUCAÇÃO: Estudo de Caso da Biblioteca Infantil Letícia Gontijo do Colégio Ari de Sá Cavalcante	54
4.1 Compreender o papel da mídia no processo educativo.....	54
4.2 Tratamento diferenciado aos acervos midiáticos	60
4.3 Ações educativas da biblioteca escolar usando as mídias	65
4.4 O livro como mídia	70
4.5 A proposta da educomunicação para a biblioteca escolar	75
5 CONCLUSÃO	78
6 REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE	84

1 INTRODUÇÃO

Vivemos na Era da Informação onde cada vez mais os meios de comunicação aceleram o processo de transmissão de informação, estreita as relações entre as pessoas e diminui tempo e espaço que outrora eram barreiras para esse processo.

Partindo dessa realidade, trazemos as novas tecnologias para um diálogo mais próximo da Educação e da Biblioteconomia atual. Queremos discutir como a educação tradicional se comporta diante de tanta informação disponível e de tantos meios para a sua produção e difusão.

A sociabilidade dos jovens na escola está mediada por uma nova maneira de ver, de sentir e de compreender. Com as novas tecnologias os espaços foram encurtados e o tempo acelerado.

Linguagens audiovisuais e videotecnológicas interferem diretamente no cotidiano. Afinal, com tantos meios, a sala de aula transforma-se num espaço de troca de mensagens, signos e códigos que não se limitam à tradição formal da educação. Então como ir além da educação formal? Como entender a mídia e os seus meios para que sejam aproveitados em favor de uma educação completa que forme realmente o cidadão consciente e crítico?

Complementando este aspecto, apresentamos a educomunicação que é a leitura crítica dos meios de comunicação. É uma leitura mais ampla que se realiza, que vai além dos conhecimentos escolares da conhecida comunicação de massa e da apropriação dos meios. Então qual a relação da Biblioteca Escolar com a Educomunicação? A educomunicação pode ser desenvolvida dentro do ambiente da biblioteca? Esta tem condições de ampliar a bagagem cultural dos alunos, de promover leituras múltiplas do mundo através dos meios, de aperfeiçoar seus serviços através desta prática?

O nosso interesse pela temática originou-se a princípio dos temas discutidos e debatidos no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, na disciplina Teoria da Comunicação, ministrada a princípio pelo Prof^o Dr. Casemiro Neto e depois continuada pelo Prof^o Dr. Luiz Tadeu Feitosa. Nesta disciplina a questão da linguagem, os símbolos, a semiótica, as várias formas interativas da comunicação e a mídia eram bastante

discutidas. Resolvemos então aplicar essas questões a outro tema de grande interesse para nós, a biblioteca escolar. Como queríamos trazer a utilização dos meios de comunicação na biblioteca escolar, nos foi proposto o tema educomunicação. Procuramos nos fundamentar pelos vários teóricos, para que a proposta da educomunicação seja entendida, aceita e desenvolvida pela biblioteca escolar.

Então a pesquisa se propôs a verificar a existência da educomunicação, partindo das atividades desenvolvidas por uma biblioteca escolar de Fortaleza.

O presente trabalho se constitui numa pesquisa bibliográfica sobre a identificação da educomunicação e sua atuação na esfera da biblioteca escolar. A pesquisa bibliográfica é descrita por LAKATOS (1991, p.183) como sendo aquela que “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo (...). Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (...)”. A metodologia utilizada foi o método dialético, que é um método de investigação da realidade que apresenta os fenômenos com aspectos contraditórios. “O método dialético é, pois, aquele que penetra no mundo dos fenômenos e das mudanças dialéticas que ocorrem na matéria e na sociedade” (CORDEIRO, 1999, p.51)

Ainda que não se possa dizer que este trabalho traz todas as discussões teórico metodológicas sobre educomunicação, tentou-se, no entanto, trazer algumas das discussões mais atuais do assunto. Assim a pesquisa tem por objetivos conhecer e analisar a educomunicação como parte integrante da educação atual. Identificar as atividades educacionais desenvolvidas pela biblioteca escolar e analisar como os profissionais das áreas de Biblioteconomia, Educação e Comunicação Social podem atuar juntos na perspectiva da educomunicação.

Partindo da hipótese inicial de que a educomunicação existe e muitas de suas ações podem ser vistas em algumas bibliotecas escolares, ainda que nestas se desconheçam as teorias da educomunicação, procuramos pelo método da observação participante e de uma entrevista com a bibliotecária da biblioteca escolar pesquisada, unir os resultados à bibliografia consultada.

O trabalho que agora apresentamos tem em sua estrutura cinco capítulos que estão distribuídos de acordo com a temática proposta.

Tomando esta introdução como o capítulo um, teremos o capítulo dois que abordará a biblioteca escolar incluída no ensino primário, suas características educacionais e como dispõe os seus serviços para a comunidade escolar. Além de comentar o tratamento diferenciado para a questão do sistema ensino/aprendizado e acervo tradicional frente às novas tecnologias da informação.

Posteriormente no capítulo três trazemos o conceito de educomunicação, a educomunicação segundo os teóricos, quais as vertentes que a educomunicação pode se desenvolver. Por conseqüência, comentamos a educação para a mídia que na atualidade acaba sendo desenvolvida por ONGs e em projetos dentro de escolas públicas de alguns Estados do país. Apresentamos ainda o trabalho que foi realizado e difundido pelo pedagogo Paulo Freire que buscava uma educação libertadora e uma leitura não só de palavras escritas, mas uma leitura de mundo que precede a essa primeira leitura. Nesse estudo desenvolvido por Paulo Freire tratamos sobre a apropriação dos meios que está incluída dentro da proposta da educomunicação. E finalmente apresentamos a educomunicação presente na biblioteca escolar, com ações concretas e propostas a serem desenvolvidas.

No capítulo quatro mostramos a pesquisa desenvolvida e os resultados obtidos para tecer reflexões mais sólidas sobre a realidade da prática da educomunicação na biblioteca escolar. Diante das atividades já realizadas trazemos sugestões de como a biblioteca pode aprofundar a educação para a mídia de forma prazerosa, interativa e criativa.

Esperamos que este estudo contribua de alguma forma para a literatura biblioteconômica acerca da biblioteca escolar e para posteriores estudos ou projetos sobre a educomunicação.

2 A BIBLIOTECA ESCOLAR

2.1 A Biblioteca incluída no ensino primário

A Biblioteca Escolar inserida na educação é uma peça fundamental no ensino/aprendizagem de qualquer indivíduo. É necessário entender que antigamente no ensino, principalmente o primário, a função principal era o ensino de matérias prontas, decorativas e “implantação dos mecanismos de leitura (...)” (DOUGLAS, 1971, p.11). Anteriormente o professor não possuía instrumentos que auxiliassem no aprendizado dos seus alunos. Douglas nos diz que: “Hoje, ao contrário, os educadores sabem que numerosos meios permitem acelerar o processo de aquisição do conhecimento e alargar-lhe o campo” (p.11).

E o meio evidente de apoio para o professor na educação é a biblioteca. O manancial, fonte primeira, que tanto professor quanto aluno podem se enriquecer. O professor quanto profissional deve reciclar-se constantemente com leituras que produzam algo novo, motivando o exercício de sua profissão. Assim transmite aos seus alunos um gosto novo, uma visão nova pela biblioteca. A biblioteca antigamente era entendida como local de castigo onde o aluno indisciplinado ficava para não atrapalhar a aula. Podemos citar muitos outros mitos que afastam os alunos da biblioteca.

Temos exemplos de alunos que não sentem interesse nenhum pelo ambiente da biblioteca, por não gostarem de livros e nem da leitura. Acham que a biblioteca é sinônima de museu, que só existe livros ultrapassados e que não podem fazer barulho porque sempre vai existir uma bibliotecária carrancuda, de óculos, pedindo silêncio a cada movimento seu. Outro ponto questionável aqui é a postura do bibliotecário. Os relatos de mau atendimento em bibliotecas escolares existem ainda hoje.

Então sugerimos que nos cursos de Biblioteconomia haja uma habilitação ou uma especialização em biblioteca escolar para aqueles que desejam atuar nessa área. A clientela da biblioteca escolar é dinâmica, comunicativa e busca a novidade. Assim, o bibliotecário deve ser mediador entre a biblioteca que oferece seus serviços, a complementação pedagógica e os alunos que anseiam por informação, que sendo transmitida de maneira atual e eficaz vá ao encontro da sua realidade no dia-a-dia.

Neste aspecto podemos analisar o que nos diz SILVA sobre a atuação docente “que não contribuí, de modo geral, para o envolvimento da biblioteca escolar no trabalho pedagógico desenvolvido” (1999, p.17). Os professores se limitam aos conteúdos dos livros didáticos e as avaliações acabam sendo uma mera repetição dos discursos discorridos em sala de aula. Nesse momento a biblioteca pode ser apresentada como auxílio, onde os professores possam abordar seus conteúdos didáticos de várias maneiras, não se limitando somente aos livros. Na biblioteca podem utilizar jogos educativos, meios audiovisuais, meios sonoros, dinamização através da dança e do teatro, uso de fotografia e outras opções que fixe melhor aquilo que querem expressar gerando troca mútua de informação e produção de conhecimento. Então por que não usar a biblioteca?

Como hoje em dia existem vários meios que o professor pode utilizar para melhorar o aprendizado de seus alunos, ele pode muito bem encontrá-los na biblioteca. Por que não estimular o aluno a buscar, a gerar conhecimento através de leituras múltiplas de vários livros para uma pesquisa, por exemplo? Estimular produções dos próprios educandos para alimentar o acervo da biblioteca e fazer a tríplice aliança PROFESSOR-BIBLIOTECA-ALUNO. Tornando a biblioteca um espaço de convivência, onde os próprios alunos possam se conhecer melhor, criar laços que possam ir além da sala de aula, manter um contato maior e desenvolver exercícios de relação interpessoal, a partir das atividades realizada por ela.

E nessa convivência descobrir o prazer pela leitura, pois através dos livros colhemos tantas informações que estimulam nossa imaginação fazendo com que “viajamos” sem sair do lugar. A leitura é condição primordial para qualquer ser humano ser instruído, ter sua formação e desenvolver suas competências intelectuais. Como atualmente lidamos com outros meios, precisamos da leitura para fazer as outras leituras de mundo através da TV, do computador, do CD-ROM, do DVD, dos jogos interativos e outros.

Mas apesar de tantos meios, a leitura de livros ainda continua sendo a preferida e a de mais fácil acesso. Os livros infantis, coloridos e ilustrados são os que mais chamam atenção e invadem o imaginário do público infantil. È bom lembrar que na biblioteca escolar esse tipo de literatura é bem utilizada e pode perfeitamente se aliar as novas tecnologias para melhorar a aprendizagem e desenvolver a criatividade dos alunos.

Mas devemos deixar bem clara a intenção de desenvolver nos alunos o gosto pela leitura, pois sabemos que a leitura na biblioteca é associada à pesquisa escolar, que acaba se transformando em cópia. MILANESI (1997, p. 136) comenta que:

No entanto, mesmo em relação às crianças a prática da leitura, a *pesquisa*, não significa um exercício para desenvolver o gosto pela busca do conhecimento, mas uma iniciação obrigatória de cópia, uma tarefa mais ou menos incompreensível de aproximação do literário.

Tratar da questão da leitura na escola e principalmente na biblioteca é delicado e merece toda atenção. Não é só aprender a ler, é apreender aquilo que está escrito e visualizar aquilo que fica nas entrelinhas do texto, a mensagem ou a intenção que esse trará para a sua vida.

Juntamente com a leitura pode-se aliar a recreação. Alunos podem participar de gincanas, jogos recreativos, rodas de leitura, onde podem formar grupos de contação de história com os alunos que sabem ler melhor e motivar a leitura naqueles que ainda tem alguma dificuldade. Indo bem além, sugerimos em alguns momentos dessa recreação a presença da Biblioterapia. Para BENTES PINTO (2005, p.39) a biblioterapia consiste em:

[...] práticas leitoras que utilizam textos verbais e não-verbais, como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por doenças físicas ou mentais ou ainda que enfrentam momentos de crise ou de dificuldade – exclusão, integração social, afastamento do convívio familiar, de comunicação etc a fim de que os sujeitos, por aproximação ou projeção, possam sentir prazer com o texto e assim encontrem respostas para a catarse de seus conflitos, sejam eles físicos, mentais, psicossociais etc...

Seria um espaço de estímulo ao diálogo, de interação entre alunos, professores e bibliotecários. A Biblioterapia pode transformar-se em mais uma opção para a prática bibliotecária na área também da educação, pois conhecemos sua ação na área da saúde.

Concordamos que é uma troca mútua onde todos saem ganhando com as experiências vividas dentro da biblioteca. Alunos estudam melhor, aprendem mais e bibliotecários trabalham melhor, tendo o objetivo de sempre poder dar sua contribuição no aprendizado desses alunos. É estreitar laços num único objetivo: o aprendizado.

Mas também é necessário refletir sobre as condições de trabalho desses professores que não favorecem a relação com a biblioteca nem como leitores:

Na maratona diária a que se encontra submetido, dadas às condições de trabalho tão adversas (e não somente do ponto de vista salarial), o professor raramente tem tempo para a auto-educação, para a própria atualização e, muito menos, para pensar de forma produtiva um trabalho pedagógico envolvendo a biblioteca escolar (SILVA, 1999, p.22).

O professor pode aliar-se a biblioteca, que representada pelo bibliotecário pode desenvolver atividades de complementação dando esse suporte a ele, fazendo com que haja esse envolvimento. SILVA ressalta que em pesquisas realizadas para descobrir o não uso da biblioteca na educação escolar, aspectos foram analisados e um deles “é a concepção do professor como *uma* das fontes de aprendizagem para o aluno e não como a única fonte” (1999 p.35). O professor muitas vezes deixa a impressão de que só ele sabe, que é o dono do saber.

Enquanto deveria incentivar o aluno a buscar conhecimento, a gerar novas idéias, a inovar e não repetir seu discurso dito em sala de aula ou usar a biblioteca somente para “fazer cópias”, quando vão realizar uma pesquisa que o professor pediu. O professor deve incluir a biblioteca em suas atividades, fazendo com que os alunos a utilizem de maneira correta.

Mas é necessário “primeiro trata-se de inculcar-lhe os mecanismos de leitura, mas cumpre também empenhar-se em que o aluno compreenda o que lê, ganhando maior interesse pelo assunto” (DOUGLAS, 1971, p.11). Ganhando maior interesse pela leitura o aluno terá maior motivação para buscar a biblioteca. E na biblioteca esse aluno terá a orientação do profissional bibliotecário especializado em biblioteca escolar, que pode lhe indicar livros de acordo com o grau de aprendizagem do mesmo. Mas para que haja um retorno satisfatório é necessário “que a escola tenha uma biblioteca abundantemente provida de livros de todos os níveis e sobre assuntos dos mais diversos” (DOUGLAS, 1971, p.11). Mas ter uma biblioteca repleta de livros que não são utilizados pelos alunos e nem pelos professores não fazem dela a melhor biblioteca.

Esses livros precisam sair das estantes e invadir outros territórios juntamente com outros instrumentos midiáticos que façam a revolução no cotidiano dos alunos e saiam da mesmice do quadro e textos dos livros didáticos. Por isso defendemos a participação dos bibliotecários nas reuniões pedagógicas das escolas para que ambas as partes: professores e bibliotecários possam discutir as melhores formas para se trabalhar em conjunto.

Professores podem opinar sobre os livros didáticos ou de apoio para as pesquisas e os livros paradidáticos para motivar a leitura dos alunos, que fariam parte do acervo da biblioteca para que auxiliem suas aulas e os bibliotecários podem opinar sobre as atividades que poderiam desenvolver a partir das sugestões de livros dos próprios professores.

2.2 Características educacionais

O Manifesto da Biblioteca Escolar nos diz que:

a biblioteca escolar proporciona informação e idéias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade atual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida e estimula a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis (1999).

A Biblioteca escolar deve mostrar-se no contexto da aprendizagem como algo novo que desperte curiosidade e prazer. Se os alunos forem marcados de maneira negativa por proibições e imposições, quando maiores não porão os pés na biblioteca. Ela deve ser força impulsionadora para a crítica, criatividade e dinamização. O espaço da biblioteca deve ser aberto para a exploração dessa crítica, como por exemplo, geração de debates a respeito de temas da semana ou da atualidade fazendo com que os alunos pensem, reflitam e exponham suas idéias, respeitando as idéias dos colegas.

Esse exercício poderia ser aprofundado com críticas à mídia que veicula as notícias do cotidiano. Comparar matérias de jornais diferentes sobre o mesmo assunto ou utilizar o espaço do laboratório de informática para pesquisar na Internet o que circula de novo sobre esse assunto. Assim o exercício geraria muitos questionamentos, que enriqueceria o debate e haveria a troca de opiniões. A biblioteca pode incentivar a criatividade no sentido de despertar sempre o novo nos alunos, fazendo com que olhem para atividades de outra maneira.

Corroborando MILANESI (1997, p.180) quando nos diz que:

Além da renovação constante dos discursos registrados (livros novos, jornais, do dia, filmes...) é necessário que as pessoas, articulando o seu próprio discurso, possa expressá-lo por meio da escrita, da fala, do gesto, das formas, dos sons e, sempre que possível, registrá-lo. Romper com a rotina, com a reprodução permanente é essencial para as transformações necessárias ao meio onde se vive.

Captando novas tendências, organizando novas informações, eliminando as dificuldades e obstáculos podem-se delinear novos horizontes que partindo da criatividade muito irá colaborar para a aprendizagem e a liberdade de expressão.

E por junção desses fatores à dinamização da biblioteca que nunca se apresentará da mesma forma pelo fato de sempre está em transformação para atender a sua demanda. É encontrar algo novo durante períodos do ano em que a biblioteca disponibilize atividades que despertem a participação dos alunos e dos professores. A biblioteca não pode ser inerte ao mundo que o cerca. É antecipar e fazer história sempre em busca do conhecimento.

SILVA expõe que:

As atividades desenvolvidas pela biblioteca escolar precisam estar de acordo com os interesses de sua clientela, particularmente dos alunos, a que já pressupõe uma articulação com o trabalho desenvolvido pelo professor (1999, p.76).

A biblioteca não é somente uma estrutura construída dentro dos espaços da escola, mas incentivadora na formação de leitores e comprometida com a função social na formação de cidadãos conscientes. A escola deve contemplar as atividades da biblioteca fazendo com que os professores superem qualquer tipo de resistência, tanto com a biblioteca quanto para as novas tecnologias que esta possui para colaborar nas atividades. Professores não podem se limitar às práticas antigas e arcaicas. Como tudo no mundo se transforma, a informação também é repassada hoje de maneira mais rápida do que há dez anos atrás. Devemos acompanhar essas mudanças que passamos constantemente para não sermos excluídos do mundo, hoje conhecido como digital ou virtual.

Assim professores devem ser preparados para a nova realidade que agora se apresenta. A escola dialogando com os professores, bibliotecários, alunos e funcionários pode sugerir a preparação e apoio à inserção das novas tecnologias dentro das atividades escolares. Promover palestras, demonstrações com os meios, utilização destes iria contribuir de forma significativa para o esclarecimento de dúvidas com relação às mudanças do mundo atual, principalmente as novas tecnologias.

Aspectos devem ser ressaltos quando se aborda a biblioteca como característica educacional e pedagógica. Como a biblioteca é fonte de conhecimento que encerra em si mesma pelos meios que possui e permite a troca de informações e a geração de conhecimento, deve ser incluída sim nas atividades pedagógicas. Não repetir práticas pedagógicas já existentes deve refletir no fazer diferente da biblioteca. Unir no seu fazer a motivação e o direcionamento para uma nova cultura de pesquisa e aprendizado, juntamente com o incentivo à leitura e a recreação, pois brincando também se aprende. Assim alunos podem encontrar na biblioteca aquilo que na sala de aula não encontram.

Hoje com tanta informação disponibilizada tão rapidamente e em tão grande quantidade, precisa-se de alguém que selecione essas informações e as disponibilizem para serem utilizadas, pesquisadas e discutidas. E o melhor local para essa filtragem de informação deve ser na biblioteca com a ajuda do bibliotecário. Alunos podem fazer uma boa pesquisa, dialogar com o bibliotecário que disponibiliza também a informação em vários meios existentes na biblioteca para a melhor fixação. Não só a procura de informação para pesquisas, mas informação utilitária, informações sobre lazer, agenda cultura da cidade e outros de interesse dos alunos.

Para a percepção da preferência de informação a biblioteca pode fazer o estudo de usuário para colher informações concretas de sua clientela e a partir daí desenvolver meios de chamar atenção dos usuários. Como exemplo do estudo de usuário em bibliotecas escolares podemos citar a busca pelos exemplares dos livros Harry Potter que muitos críticos não consideram ser literatura, mas que pelo fascínio da história, milhares de crianças despertaram o gosto pela leitura através dos livros dessa coleção. Então as bibliotecas escolares tiveram que providenciar os livros, que tiveram grande saída e um número considerável de reservas. Como explicar mudança tão repentina? Nada melhor do que a mídia

para divulgar a novidade e o cinema para tornar visível a história do livro. Por isso a biblioteca precisa está atenta às transformações e buscar adaptar-se a elas.

Questionamos assim a formação do profissional bibliotecário para atuar dentro da instituição ESCOLA. Se ele trabalha juntamente com alunos, professores, funcionários e direção devem conhecer profundamente sua clientela e suprir as necessidades informacionais dos mesmos. E segundo a valorização da biblioteca dentro do processo pedagógico, onde o bibliotecário participe ativamente das reuniões juntamente com os professores e desenvolva atividades que dêem apoio aos alunos em seus estudos.

O mundo contemporâneo apresenta um leque de possibilidades educacionais que podem ser trabalhadas e adaptadas as situações do cotidiano. Não se pode admitir uma educação que esteja longe da vida dos educandos. Qual o sentido tem a matemática, a física, a biologia e as outras matérias aprendidas na escola, se não tiver ligação direta com a própria vida dos alunos? E incluir a biblioteca nessa perspectiva é ampliar ainda mais os horizontes e o próprio conhecimento adquirido. Ela pode dar a sua colaboração na educação e aprendizado dos educandos, partindo do cotidiano, daquilo que se faz todos os dias e que se tem total domínio e apropriação.

2.3 Tratamento especial (sistema ensino/aprendizagem) e acervo tradicional frente á essas relações

A Biblioteca Escolar existe como complemento para as atividades pedagógicas realizadas pela escola e desenvolve suas próprias atividades. O acervo da escola deve voltar-se segundo essas atividades. VERGUEIRO apud EVANS (1993, p.19) nos diz que: “as coleções das bibliotecas escolares devem seguir, na realidade, os direcionamentos do sistema educacional vigente, pautando-se pelos currículos e bibliografias básicas dos cursos”. Lembrando que o acervo não deve ser composto somente por livros, mas pelos diferentes meios como: dvd, cd, revistas, jornais, jogos, panfletos e outros, para diversificar e melhorar o nível de conhecimento apreendido. Como estamos tratando de biblioteca escolar para alunos de ensino fundamental é necessário que os livros indicados pelos professores passe além da literatura, mas que bons livros juntamente com outros meios estejam disponibilizados para que respaldem as pesquisas realizadas pelos alunos.

Como organização de bibliotecas conhecemos alguns métodos utilizados por algumas instituições como o uso de cores para agrupar os livros por assunto, utilização de estantes baixas que facilite o acesso às crianças, um espaço bem descontraído e colorido que atraia e chame atenção. Mas é necessário que a biblioteca tenha um padrão de organização do acervo e que os alunos possam aprender a utilizá-la de maneira que possam ter conhecimento e utilizar outras bibliotecas de outras instituições que tenham o mesmo nível de organização.

Esse fato é observado quando os aprovados no vestibular chegam no primeiro semestre da faculdade na biblioteca. Como não foram adaptados a utilizar corretamente a biblioteca escolar encontram-se totalmente despreparados para realizar as novas atividades curriculares da universidade. Não sabem fazer as pesquisas bibliográficas, não sabem fazer consulta dos livros nos catálogos e outros mecanismos que envolvem a biblioteca. O simples fato de procurar o livro na estante acaba sendo uma dificuldade. Por isso ressaltamos a importância dos treinamentos de usuários, que começaria pela biblioteca escolar. A partir dela o conhecimento adquirido servirá para a vida inteira e muito ajudará na carreira acadêmica e profissional dos alunos.

Na atualidade percebemos a presença cada vez maior das novas tecnologias melhorando os serviços da biblioteca. Visualizamos o uso de computadores que disponibilizam catálogos on-line para os alunos que de qualquer lugar podem acessar o site da biblioteca ou da escola e fazer uma pesquisa, os programas utilizados para alimentar bases de dados em bibliotecas, o uso do código de barras para a otimização do empréstimo de livros, renovações desses livros que podem ser feitos pela internet, lembrete para os usuários que os livros estão em atraso via e-mail e muitos outros serviços que conhecemos ultimamente. Toda essa tecnologia disponibilizada para melhorar os serviços depende também de bons profissionais que saibam manusear e trabalhar diretamente com tais ferramentas e mecanismos.

MASSETO ressalta uso da tecnologia no processo de aprendizagem do aluno, abrindo novas possibilidades de conhecimento:

(...) proporcionando a integração de movimento, luz, som, imagem, filme, vídeo em novas apresentações de resultados de pesquisas e assuntos e temas para as aulas; possibilitando a orientação dos alunos em suas atividades não apenas nos momentos de aula, mas nos períodos “entre aulas” também; tornando possível, ainda, o desenvolvimento da criticidade para se situar

diante de tudo o que se vivencia por meio do computador, da curiosidade para buscar coisas novas, da criatividade para se expressar e refletir, da ética para discutir os valores contemporâneos e os emergentes em nossa sociedade e em nossa profissão (2003, p.137).

Percebemos a ação e o efeito que tais tecnologias proporcionam no dia-a-dia dos alunos. È envolvente, pois mexe com os sentidos: visão, audição e a fala. È a ação dos audiovisuais. Na biblioteca geralmente usa-se vídeos para complementação de conteúdos dados em sala de aula, computadores que auxiliam nas pesquisas via internet, utilização de câmera para documentar eventos, palestras e comemorações da escola. Este material fica disponível no acervo para consulta dos professores que podem interferir na criação e manutenção do mesmo. Todo o acervo deve voltar-se para o usuário principal: o aluno, mesmo que este muitas vezes não goste a princípio do ambiente da biblioteca.

Sabemos da resistência que existe por achar que a biblioteca é algo antigo e ultrapassado. Mas tal visão pode ser revertida com o incentivo à leitura e com o uso das tecnologias, por isso faz-se necessário à presença de professores e bibliotecários preparados para enfrentar a nova realidade apresentada e ajudar seus alunos em sua adaptação. È preciso que se tenha domínio sobre os novos processos que se apresentam na atualidade. A Internet é a novidade que exclui, se não tomarmos conhecimento. Se hoje você possui e-mail tudo fica mais fácil, você não precisa se deslocar para fazer uma pesquisa ou um trabalho, por exemplo. Vários são os grupos de estudo e discussão que existem na internet, onde várias pessoas de lugares distintos se encontram e trocam informações. Essa realidade é algo viável e concreto atualmente. Se não conhecermos e não soubermos utilizar as novas tecnologias seremos conhecidos como excluídos digitais.

A escola e a biblioteca escolar podem tornar-se mediadoras entre alunos e novas tecnologias. O primeiro contato que a criança tem com o livro e a leitura se dá na escola. Esta poderia disponibilizar material de qualidade para que a aprendizagem ocorra de maneira mais rápida e eficaz. Seria a união do livro e do computador, cada um com sua especificidade complementando as informações repassadas pelo professor. Tornaria assim o acervo da biblioteca mais moderno, dinâmico e diversificado e estimularia os alunos e professores a visitas mais constantes a própria biblioteca.

A biblioteca escolar tendo uma mudança nesse sentido, procurando adaptar-se as novas tecnologias, teria uma nova roupagem e não deixaria de ter a sua essência. Quando falamos em biblioteca, principalmente biblioteca escolar, não nos referimos ao espaço. Nos referimos o que possui dentro desse espaço. O acervo pode ser o melhor e mais atualizado possível, mas se não for utilizado de nada adianta ter uma biblioteca. O acervo deve passar por novas adaptações que deve melhorar e facilitar a transmissão das informações contidas nos livros que posteriormente serão transformadas em conhecimento.

3 EDUCOMUNICAÇÃO

3.1 Conceituação

O estudo de Educomunicação teve seu início na década de 1920 quando o principal veículo de comunicação era o cinema. Neste período vários cines foram disseminados para estimular a análise crítica das mensagens. Já na América Latina e principalmente no Brasil esse conceito ganhou forma entre as décadas de 1970 e 1980. Hoje esse estudo está disseminado em alguns países como: Canadá, Grã – Bretanha, Austrália, África do Sul, Estados Unidos, Argentina, Japão, e outros países.

Fazendo uma breve revisão de literatura, abordamos alguns conceitos de teóricos da área.

Por Educomunicação ou Educação para a Comunicação ou Educação para a Mídia, entendemos que:

Por estes termos identificamos todas as ações de cunho pedagógico que têm como objetivo oferecer ferramenta para decodificação e avaliação crítica da mídia. Não se trata do uso didático de conteúdos veiculados pelos diferentes meios, mas sim do processo de análise e/ou de produção de materiais de comunicação como instrumentos de ensino e de formação de cidadãos (REMOTO CONTROLE 2004, p.8).

Como os próprios teóricos da área comentam, este conceito não está escrito em nenhum dicionário, mas está em construção. Junto com as novas tecnologias, novas tendências e novos estudos abordam a questão do modo como as pessoas recebem as mensagens da mídia e como elas podem analisar e produzir novas mensagens deixando de serem passivas diante desses meios. Alguns projetos atualmente estão promovendo a educomunicação de maneira prazerosa envolvendo escola e comunidade. A educomunicação interfere principalmente no que diz respeito à televisão e ao rádio. Um projeto realizado em São Paulo, no bairro do Bixiga pela ONG Novo Olhar traz as crianças e jovens dessa região uma outra possibilidade de conhecimento e produção da mídia. O trabalho produzido está sendo repassado pela TV-PUC de São Paulo (canal 11 da tv a cabo). O projeto conta com aulas de teatro, capoeira e fotografia, além das oficinas de áudio e vídeo. Segundo BORSERO apud THIES, coordenadora do Programa Novo Olhar, os benefícios de produzir TV de verdade são evidentes. “Ao produzir mídia, eles entendem que é possível ser

alguém e desenvolver suas potencialidades. Eles passam a não gostar de programas que normalmente crianças e jovens assistiriam, o que já revela uma visão mais crítica. Eles querem o outro lado da história, revelar uma realidade que não é mostrada pela TV". (2006, p.1) Assim, a escola e a biblioteca têm condições de trabalhar também com esses meios, promovendo maior liberdade de expressão, deixando que os alunos apresentem a realidade assim como eles a vêem; maior espírito crítico, melhorando a leitura, a escrita e até mesmo a sua oralidade. A educomunicação não tem a pretensão de formar nas escolas ou nas ONGs jornalistas, fotógrafos, editores, produtores de rádio ou televisão, mas levar crianças e jovens a uma transformação na maneira de perceber os meios de comunicação, ampliando a imaginação e capacidade de interferir na realidade pela mídia. A seguir temos exemplos de crianças que comandam programas de rádio voltados para a sua realidade e comunicação.



Mâires Moreira é responsável pelo Papo Cabeça: "podem tirar tudo de mim, menos o meu programa de rádio".



Valeska, 13 anos, comanda o programa infantil de rádio Submarino Amarelo: "a gente aprende bastante".

Figura 1

Figura 2

A partir da década de 1970 encontramos o pedagogo Paulo Freire que concebe a educação como um ato de comunicação e liberdade para o ser humano. Através do seu trabalho e pensamento descobrimos uma das vertentes da Educomunicação que é a apropriação dos meios. Onde a:

apropriação dos meios de comunicação é promover a Educação para a Mídia por meio da produção. A idéia é que ao fazer um vídeo, por exemplo, os jovens entrem em contato com a linguagem televisiva. Conhecendo e se apropriando de processo de produção, a capacidade de análise é maior (REMOTO CONTROLE 2004, p. 262).

Para o professor Ismar de Oliveira Soares, coordenador e pesquisador do Núcleo de Estudos de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da

Universidade de São Paulo (NCE/USP), o campo da Educomunicação define-se como um conjunto das ações destinadas a: “integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas” (SOARES 2004, p. 1).

A educação através dos parâmetros curriculares nacionais, descreve como deve ser o uso das novas tecnologias de maneira a contribuir de forma positiva nas atividades desenvolvidas pelos professores. Nesse aspecto é que ressaltamos o fortalecimento dos ecossistemas comunicativos, onde todos aprendem juntos: professores com os alunos; alunos com os professores; alunos com alunos; alunos com a sociedade, incluindo a biblioteca escolar, gerando novos ecossistemas comunicativos e desenvolvendo novas ações que trabalhem com a educação e a comunicação. Soares ainda afirma que o campo da educomunicação compreende vertentes como: “leitura crítica dos meios; apropriação dos meios; comunicação interpessoal (relacionamento de grupo) e tecnologias educacionais (uso de recursos de informação no ensino-aprendizagem)” (REMOTO CONTROLE 2004, p. 259).

Segundo BUCHT (2002, p.123), ressalta a importância da compreensão das mensagens transmitidas pela mídia e que devemos procurar saber quem são os detentores dessa mídia.

A educação para a mídia/cultura de mídia/educação para a comunicação deve capacitar as pessoas a *entender como a mídia age e opera na sociedade*. Desse modo, a educação para a mídia deve querer dizer o aprendizado de como a mídia funciona, e de como interpretar, em seus próprios contextos, as mensagens e os valores apresentados por ela. São questões importantes, por exemplo: quem são os proprietários da mídia? Quais as consequências da globalização da mídia? Quais são os objetivos implícitos das diferentes mensagens de mídia? Quais são as fontes? E quais são os interesses políticos, sociais, comerciais e culturais, por trás da mídia e seus conteúdos?.

Sabemos o quanto à mídia influencia a sociedade na era contemporânea que nos encontramos. Devemos ter essa percepção de saber quem são os proprietários da mídia e quais os seus objetivos, para que não manipulem a informação que chegará a população pelos meios de comunicação, mas sabemos que nem sempre é dessa maneira.

Sabemos que a educomunicação também pode ser desenvolvida na escola através de projetos que segundo LIMA:

destacam-se também os programas que objetivam tornar os meios de comunicação em ferramentas, instrumentos dos quais as pessoas, especialmente alunos, possam se apropriar e com eles “escrever” e comunicar a sua própria cultura. Propõem-se a incluir novas tecnologias e diferentes linguagens no âmbito da escola, incorporando-as no dia-a-dia da sala de aula (1998 p.2).

Trabalhando linguagens diversificadas e trazendo os conteúdos didáticos para a realidade do cotidiano fará com que os alunos tenham contato e domínio sobre várias formas de aprendizagem e os capacitarão para desenvolver suas habilidades e competências diante das situações propostas pela sociedade.

Para SCHAUN (2002, p.11) a Educomunicação é um novo campo de intervenção social e as atividades educacionais são identificadas como:

a área da educação para a comunicação, constituída pelas reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação (relação entre os produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens), assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios; a área da mediação tecnológica na educação, compreendendo o estudo das transformações trazidas ao cotidiano da vida social pelas tecnologias da informação e por seu uso nos processos educativos.

A educação para a comunicação ou educação para a mídia é algo tão novo que por muitas vezes as escolas ou as Organizações Não-Governamentais podem estar desenvolvendo em seus ambientes educacionais essa educação e os mesmos não se dão conta desta realidade. A recepção de mensagens e as transformações que a tecnologia hoje traz para a vida das pessoas se tornam presentes que somente pelo estudo mais aprofundado é que se toma consciência de estudos deste tipo.

Outra questão que se coloca neste âmbito é a visão da produção de bens culturais, que SCHAUN (2002, p. 15) comenta:

A questão da educomunicação busca ressignificar os movimentos comunicativos inspirados na linguagem do mercado da produção de bens culturais, mas que vão se resolver no âmbito da educação como uma das formas de reprodução de organização de poder da comunidade, como um lugar

de cidadania, aquele índice do qual emergem novas esteticidades e eticidades (modos de perceber e estar no mundo).

A educomunicação vai buscar dentro da escola uma nova forma também de produção cultural. Assim a biblioteca pode contribuir para desmistificar os produtos culturais existentes e propor a criação de formas simbólicas e comunicativas, mais próximas da cultura vivenciada pela escola. Nesse aspecto é que atentamos para a questão da análise dos produtos que a mídia coloca a disposição da população que muitas vezes não tem compatibilidade com a realidade local ou com o cunho “educativo” que ela poderia oferecer. A proposta educacional é uma nova roupagem que os alunos devem construir para divulgar seus valores, seus costumes e seus hábitos, disseminando sua cultura e seu modo de viver.

Diante desse contexto que abordamos, a biblioteca escolar também pode ser beneficiada pela educomunicação. Através das atividades lúdicas e culturais, como: criar atividade de animação cultural a partir do acervo existente na biblioteca; dramatização de telejornais; gincanas culturais que os alunos possam em alguma tarefa abordar questionamentos acerca da mídia, sua interferência no cotidiano e trazer propostas para modificá-la. A biblioteca pode utilizar os meios para um melhor desenvolvimento das atividades que incluem produção e crítica as mensagens recebidas pela mídia local. Nesse momento que se incentiva a criticidade e a criatividade dos alunos, já comentados anteriormente. Quando comentamos a questão do uso dos meios, não comentamos somente como finalidade de uso.

O uso pelo uso não gera conhecimento e nem análise. O que se pretende é interferir de modo educativo no tipo de mídia que chega até nós pelos meios de comunicação. Sendo analisado e criticado no ambiente escolar permite uma abordagem mais ampla e um efeito mais concreto sobre os alunos, podendo atingir uma outra área do ensino: a cidadania e a democracia tão difundidas atualmente.

Atividades realizadas pela biblioteca com a ajuda dos meios irá facilitar a aproximação com a mídia e terá papel importante na execução dessas atividades. Tendo condições favoráveis, a biblioteca pode realizar atividades que a primeira vista não tem o objetivo ou a finalidade de promover a educomunicação, mas que na sua análise e na interação com a mídia, essa educomunicação já possa está inserida, talvez até de modo inconsciente ou discreto.

3.2 Educar para os meios de comunicação

A educação atualmente está tomando novos rumos dentro do conhecimento contemporâneo. Está se apresentando numa dinâmica múltipla de mediações sociais. E a comunicação também está passando por esse processo. “A comunicação coloca-se, assim, no espaço da educação informal, que ocorre nas dinâmicas sociais do dia-a-dia onde o indivíduo se vê em interação com seus pares e com as manifestações culturais e informativas com que se depara” (BARROS, 1997 p.28). A comunicação constitui tudo o que vivenciamos no cotidiano e estamos envolvidos de tal forma, que por muitas vezes, nem percebemos as mudanças ocorridas por conta desses processos comunicativos.

A educação para os meios de comunicação vai mostrar uma nova forma de perceber a comunicação e a educação. A educomunicação na sua essência vai buscar nos meios a sua forma de produção e apropriação. Mas não basta somente ter os meios em mãos se não analisar, criticar, questionar e produzir.

Na educação formal interagir com as novas tecnologias vai exigir desprendimento das antigas formas didáticas para dá lugar a uma forma mais aberta a interdisciplinaridade, dialogando com outras áreas e utilizando essas novas tecnologias que se estão presentes em todos os lugares que estamos, na nossa casa, na escola, no trabalho e no lazer, enfim em toda parte.

BARROS comenta que:

È indispensável que se tome como um dos objetivos da educação a formação de cidadãos capazes de compreender criticamente a realidade social, que se desenvolva uma *leitura crítica da comunicação*, numa confrontação dos receptores com os produtos dos emissores, a partir do contexto em que se encontram os próprios receptores-intérpretes. È preciso impelir o público a controlar as múltiplas possibilidades de interpretação das mensagens que recebe (1997, p.37).

A educação dos meios permite essa análise da produção que se tem e de como interferir para mudar a realidade pela comunicação e pela educação trabalhando juntas numa mesma direção. Os meios influenciam na vida da população e na maneira como as mensagens são recebidas. Assim vão dar a direção para uma produção que não seja igual àquela veiculada pela mídia. As produções em casos reais estão sendo mais educativas e informativas.

A educomunicação é mundialmente trabalhada, mas no Brasil ela é desenvolvida sem o apoio governamental. As experiências ocorridas em algumas escolas públicas partiram das ONGs que são as pioneiras nesse trabalho. Na legislação brasileira um único projeto de lei que existia de 1999 foi arquivado, mostrando o grande interesse que o país tem em preparar crianças e jovens para exercer sua cidadania, democracia e livre expressão.

Como não existe uma disciplina específica para a educação dos meios nas escolas, várias ONGs brasileiras desenvolvem trabalhos com os alunos em projetos que além de apropriar-se dos meios, também produzem seus conteúdos e os disponibilizam para a comunidade. Vamos comentar alguns exemplos ocorridos no Brasil, em alguns Estados. Um dos mais conhecidos é o Educom.rádio, que foi utilizado a princípio para o combate à alta taxa de violência em uma escola municipal de São Paulo. E como resultado o número de furtos dentro da escola teve uma diminuição considerável. É a forma de interagir o ambiente escolar com a comunidade a qual pertence.

Em Sorocaba (SP) existe o projeto Vídeo-Escola que envolve os alunos de 32 escolas do ensino fundamental do município:

Os estudantes aprendem a produzir animações, documentários ou vídeos de ficção. São eles mesmos que definem tema e gênero, criam os roteiros, produzem e gravam os trabalhos. O professor entra no projeto com a função de provocar, estimular e abrir os caminhos. Os vídeos são exibidos na escola e incorporados às atividades curriculares (REMOTO CONTROLE, p.281).

A educomunicação manifesta não só o lado técnico da apropriação dos meios, mas deixa com que todos esbanjem sua criatividade. É a livre expressão, é falar, disseminar aquilo que os meios não permitem por deter o poder da comunicação e da ideologia gerada por eles. Outro projeto bastante conhecido é o Cala-Boca Já Morreu! Originado em 1985 por iniciativa da psicopedagoga Grácia Lopes e do professor de filosofia Paulo Donizete Soares, coordenadores do grupo Gens, que se constitui numa instituição para serviços educacionais. A idéia começou com uma oficina de rádio para crianças de 7 a 16 anos. Os resultados foram satisfatórios e então firmaram parceria com as rádios comunitárias para a veiculação dos programas produzidos.

Já no Nordeste, principalmente no Ceará, a iniciativa das ONGs surgiu pela criação e divulgação dos jornais escolares onde os jovens “têm autonomia, tanto no que diz respeito à escolha e redação de matérias, como à programação visual dos jornais, formas de distribuição, número de páginas” (REMOTO CONTROLE, p.283). Além deste outro projeto também foi desenvolvido, o Primeiras Letras que publica os jornais de crianças de primeira a sexta série.

Na Bahia a ONG Cipó realiza atividades de educomunicação com os alunos das escolas públicas. São cursos com duração de oito meses onde os alunos se dividem nas linguagens sobre cine/TV/ vídeo, fotografia e webdesing. A produção final é reunida em Coletâneas de Materiais Educativos que são distribuídas para várias instituições educacionais como guia de orientação.

Todos esses exemplos que citamos mostram qual a preocupação dos órgãos não-governamentais em preparar as crianças e os jovens para manusear os meios e produzir conteúdos de qualidade educacional para a programação tão elitista e comercial que é veiculada pela mídia. Percebemos também a não preocupação do governo para despertar a consciência de que as novas tecnologias existem e que precisam ser abordadas e exploradas pela área educacional. Um desafio nítido e bem claro que observamos a princípio é a questão da capacitação dos professores. Para a psicopedagoga Grácia Lopes quando trabalhou com os projetos de educomunicação Vídeo-Escola e Educom.rádio, “identificou três tipos de professores: os que temem a introdução dos meios de comunicação em sala de aula por desconhecimento; os que resistem por achar que seja uma inovação desnecessária e os que estão abertos e dispostos a aprender” (REMOTO CONTROLE, p.286). O professor que está aberto a um novo aprendizado remodela sua própria função, redefine suas características como facilitador da aprendizagem dos seus alunos.

Em relação à biblioteca escolar, trabalhos podem se desenvolvidos com o apoio desses projetos, mostrando suas características, metodologia e como os alunos podem promover uma mídia diferente e mais educativa. Partindo dessa experiência a biblioteca pode trabalhar também a mentalidade dos professores no que diz respeito aos meios de comunicação. Explorar os três tipos de professores citados anteriormente, seria uma oportunidade da biblioteca conhecer o seu usuário “professor”, como ele encara a situação da mídia na atualidade e se ele teria condições de apresentar as novas tecnologias para seus alunos como uma ferramenta a mais para uma educação mais participativa e criativa.

Partimos do pressuposto de que – sendo a biblioteca escolar a instância mais livre e democrática da relação dos alunos com os professores; de ambos com as leituras e as práticas leitoras; sempre mediados pelo bibliotecário – a ação da biblioteca escolar deve ocupar as lacunas deixadas pela educação formal, aquela da sala de aula, quase sempre engessada pelos rigores dos currículos ou pela “ditadura dos conteúdos”. Nesse tocante, uma ação cultural da biblioteca escolar deveria potencializar um tempo dentro da grade curricular formal para as ações da biblioteca junto aos alunos e professores. Um tempo a ser ocupado pela leitura de outros documentos; pela análise de outros fenômenos do cotidiano; pelas críticas de outras modalidades de relações sociais, etc. Nesse tempo e circunscrito às atividades programadas pela biblioteca escolar, alunos, professores e bibliotecários poderia ampliar seus conhecimentos e exercitarem suas capacidades crítica sobre os efeitos das mensagens midiáticas sobre nós, sobre a sociedade e a cultura.

A biblioteca poderia realizar círculos de palestras, cursos ou seminários que abordassem as questões da mídia, como ela influencia a vida de todos que pertencem à comunidade escolar e criar projetos ou ações que modifiquem o modo de ver e pensar a mídia pelo lado consumista que os meios atualmente propõem. Assim, contemplando a falta de espaço na escola – e, no seu currículo formal e – para o debate efetivo dessas questões, a biblioteca escolar tornar-se-ia o espaço democrático dessas discussões, onde o aluno sentir-se-ia mais livre para opinar, para questionar, livre que ele estaria das sanções quase sempre impostas pelas leituras seguidas de suas tradicionais cobranças.

Portanto, fica claro que competiria à biblioteca escolar sensibilizar a direção da escola e seu quadro de professores, coordenadores e supervisores a disponibilização de um tempo na grade escolar para que ações desse tipo pudessem ser feitas dentro da biblioteca e sob sua orientação. Pensamos numa verdadeira ação cultural, onde alunos e professores experimentariam a liberdade da expressão sem as pressões do sistema ordenador que separa alunos de professores. Sem que estes tenham de se posicionar como o professor e sim como um participante no mesmo nível de importância que os alunos.

Aliás, mesmo não tendo nenhuma preocupação com o que se sugere neste trabalho sobre a incorporação da educomunicação nas práticas da biblioteca escolar, o Serviço Social da Indústria de Fortaleza – SESI Parangaba – promove há 20 anos na sua escola o

chamado “Dia do Quinto”. Trata-se de atividades regulares (semanais), onde cada turma, de cada série, tem aulas na biblioteca. Nesta, as atividades são absolutamente pensadas, produzidas e coordenadas pela parceria dos alunos e das bibliotecárias. São atividades de toda ordem, onde a tônica é a liberdade de expressão e os temas são todos discutidos e escolhidos pelos alunos, quase sempre motivados pela força que ocupam na vida cotidiana dos alunos. Assim, os fenômenos do cotidiano e suas relações com as pessoas; os efeitos da mídia sobre os fatos e sobre as nossas vidas são tratados, sempre embasados por leituras, depoimentos, produtos videográficos; música etc. e quase sempre repercutidos sob a forma de expressões artísticas ou lúdicas, conforme pudemos observar numa visita que fizemos à instituição em companhia do professor Tadeu Feitosa, orientador deste trabalho e ex-funcionário do SESI.

3.3 Estudo dos fenômenos midiáticos = meios de comunicação+ novas tecnologias

Atualmente presenciamos o grande desenvolvimento tecnológico advindo das pesquisas, da criação de novas máquinas e equipamentos que tem por finalidade facilitar a vida das pessoas que hoje já não têm mais tempo para realizar todas as atividades que gostariam. É uma mudança que vem ocorrendo de maneira progressiva, mas também rápida e dinâmica. Se compararmos o estilo de vida das pessoas há 20 anos atrás com o nível que as pessoas de hoje possuem, teremos dados impressionantes. A presença da mídia na vida cotidiana trouxe a revolução das relações sociais, econômicas, políticas e culturais.

Com o surgimento das tecnologias, houve a aceleração no processo de transmissão de informação, o estreitamento das relações entre as pessoas, que podem se comunicar de qualquer parte do mundo e também a diminuição de tempo e espaço que outrora eram barreiras para a comunicação. Por exemplo, a programação televisiva, que influencia na questão dos horários em que a família se reúne para assistir determinado programa, que já tem um horário específico para ir ao ar.

A mídia permitiu uma nova forma de entendimento do processo comunicativo e significação das formas simbólicas. THOMPSON (1999, p. 19) aborda o desenvolvimento de uma variedade de instituições de comunicação que apresentam características da era moderna:

Em virtude destes desenvolvimentos, as formas simbólicas foram produzidas e reproduzidas em escala sempre em expansão; tornaram-se mercadorias que

podem ser compradas e vendidas no mercado; ficaram acessíveis aos indivíduos largamente dispersos no tempo e no espaço. De forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno.

A comunicação possibilita a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica em si a utilização de vários tipos de recursos. Esses recursos geralmente dependem de um meio técnico para fixarem e reproduzirem as formas simbólicas. Assim, “o meio técnico é o substrato material das formas simbólicas, isto é, o elemento material com que, ou por meio do qual, a informação ou o conteúdo simbólico é fixado e transmitido do produtor para o receptor”. (THOMPSON 1999, p.26).

Tomamos por exemplo uma simples conversa entre amigos. Para que haja a comunicação presente, face-a-face e efetiva será preciso utilizar a linguagem para que possam ser compreendidos entre si através da fala. Se os mesmos amigos estiverem distantes, outros meios se apresentarão no processo da comunicação: telefone, carta, fotografia, Internet e outros. Para cada um deles será preciso um meio técnico para concluir a comunicação. No caso do telefone, precisaremos de no mínimo um aparelho telefônico e uma linha de transmissão telefônica. Para carta, precisaremos de papel e caneta. Para a fotografia precisaremos de uma máquina fotográfica e assim por diante.

Trouxemos até agora uma rápida abordagem do processo midiático e dos meios técnicos, para tratarmos de outro ponto necessário ao nosso estudo: os meios de comunicação de massa. Críticas são tecidas ao uso da expressão “comunicação de massa”, onde a palavra massa dá sentido á uma vasta audiência de indivíduos que, “passivos”, recebem as informações. Então o termo massa pode até ser utilizado, mas não sendo levado em conta no sentido de quantidade. Segundo THOMPSON (1999, p.30) “o que importa na comunicação de massa não está na quantidade de indivíduos que recebe os produtos, mas no fato de que estes produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de destinatários”. Então o sentido da comunicação de massa não é quantidade de receptores que recebem os seus produtos, mas o acesso que esses receptores têm dos meios.

Como características dos meios de comunicação apresentam-se: o envolvimento de certos meios técnicos e institucionais de produção e de difusão; exploração comercial das inovações técnicas pela mercantilização das formas simbólicas; estabelece uma dissociação

estrutural entre a produção das formas simbólicas e a sua recepção; a extensão da disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço e a circulação pública das formas simbólicas. A mídia através dos meios de comunicação concretiza-se cada vez mais a cada dia. É necessário pensar nesses meios em relação às relações e aos contextos sociais, onde indivíduos produzem e recebem a comunicação mediada.

Com a *popularização* dos meios de comunicação, a vida das pessoas começou a tomar outro sentido e direção. Desde o surgimento da imprensa com Gutenberg, passando pela criação do telegráfo, da eletricidade, do telefone, do avião, do rádio, da televisão e todas as descobertas realizadas, a humanidade vem evoluindo e adaptando-se a essa nova forma de viver com novas máquinas que auxiliam em suas atividades tanto no trabalho como nos estudos e como entretenimento. O que para nós há anos atrás era distante e impensável, hoje em instantes nos relacionamos e tomamos contato com várias pessoas em diversas partes do mundo. É a mídia encurtando tempo e espaço.

Nesse processo de transformação, o avanço tecnológico percorreu novos caminhos permitindo suporte às novas pesquisas na área da própria tecnologia, da medicina, na área da educação e da diversão e lazer. Temos como exemplo claro do desenvolvimento tecnológico o computador e a robótica. Os primeiros modelos de computadores eram maiores ocupando várias salas, tendo processadores de dados lentos e que sempre davam pane e apresentavam problemas. Depois de vários anos e muitos testes, apareceram modelos menores, mais fáceis de trabalhar com programas operacionais. O acesso a essa nova tecnologia custou caro logo quando surgiu, mas ao passar do tempo às pessoas foram tendo condições para a compra e para o manuseio do computador. Tudo se tornou informatizado, vários cursos de informática apareceram para que as pessoas aprendessem a manusear e conhecer essa novidade. As instituições, o comércio, até o lazer foram incorporadas à informática.

Juntamente com a disponibilização da informática, outras tecnologias surgiram, como: as câmeras digitais competindo às câmeras fotográficas; a telefonia móvel (celular), que deu um grande salto nas telecomunicações em todo o mundo e que permite através de um único aparelho realizar as chamadas locais e interurbanas, ouvir músicas pelo rádio embutido no aparelho, bater foto e ter acesso à Internet. Incluindo também os aparelhos de dvd que em um cd permite uma imagem de qualidade e som de cinema sem sair de casa. As webcams no acesso à Internet dando a possibilidade das pessoas que estão conectadas serem visualizadas por esta

câmera. Sem falar nos jogos eletrônicos, videoconferência e sistema de data show. Com tantas opções é impossível não viver com essa tecnologia.

Contemplando o espaço educacional, as tecnologias proporcionam uma nova forma de trabalhar os conteúdos didáticos com mais prazer, motivação e entusiasmo. Um novo modelo de educação que surge em função de uma sociedade que cada vez mais depende da informação para sobreviver. Estimular a consciência da nova educação para os alunos de hoje vai exigir tanto do professor quanto do bibliotecário a formação permanente e a educação continuada. Falamos tanto na relação escola-aluno, mas sabemos que a biblioteca está inserida neste contexto e que ela não pode se excluir dessa relação. A educação depende também da biblioteca. No próximo capítulo abordaremos essas questões pertinentes também a biblioteca escolar.

Conhecer e manusear as novas tecnologias exige disposição para aprender e prática constante. MERCADO ressalta que “a ênfase deve ser a criação de ambientes educacionais de aprendizagem, nos quais o aluno executa e vivencia uma determinada experiência, ao invés de receber do professor o assunto já pronto” (2002, p.22). A construção dos ambientes educacionais dará condições ao professor de melhorar a sua aprendizagem e também a de seus alunos. O conhecimento não é algo finito e limitado, pois a cada instante somos convidados a aprender algo novo e mantermos na sociedade que estamos inseridos.

Acompanhando e adequando-se as tecnologias, a escola permite aos alunos conhecimentos mútuos e que jamais serão esquecidos, pois tudo o que é aprendido e aperfeiçoado na escola já faz parte da vida dos mesmos.

Segundo MERCADO (2002 p. 20):

Quando aprendizes podem trocar experiências e conhecimento com colegas do mundo inteiro, assim como bibliotecas, centros de pesquisas, universidades, museus, todo um universo de percepção se abre para eles, a própria perspectiva de mundo e de realidade se modifica, dando lugar à formação de um conhecimento mais global, menos limitado às fronteiras nacionais e imediatas. Eles podem construir pontes de conhecimento e entender outras culturas, outros modos de compreender o significado das coisas, da realidade.

Com tantas formas mediadas os alunos se vislumbram com novas possibilidades que levam a quebrar barreiras físicas e voltar seu olhar e sua atenção à consequência de tanta tecnologia: a globalização. A chamada “era virtual” nos remete a cultura da ausência física onde através da rede mundial de computadores possam ser mantidos milhares de relações com várias pessoas no mundo inteiro e a qualquer hora. Não só interação com pessoas, mas compras nacionais e internacionais; realizar transações bancárias via Internet; visitas a museus, bibliotecas virtuais; assistir filmes; escutar músicas sem precisar comprar cd e uma infinidade de atividades que se pode realizar pelo comando de um clique no teclado.

A tecnologia facilitou a vida das pessoas nesse sentido de se fazer quase tudo sem precisar sair de casa. Se quisermos conhecer cultura de outros povos, na Internet vários sites disponibilizam textos, imagens e sons sobre essas culturas. O livro também nos permite o acesso a informação, o que vai mudar são as formas de apresentação da informação. Para os seres humanos é mais fácil apreender a informação pela visão e pela audição do que só pela leitura. Os meios de comunicação, a mídia chama tanta atenção e se propaga de maneira tão rápida porque é audiovisual. A imagem fica registrada mais facilmente no inconsciente das pessoas, mesmo que seja temporariamente.

A educação atentando para a mídia pode extrair um material para auxiliar na formação dos alunos trazendo para a escola temas atuais e estimular alunos e professores a utilização das tecnologias. Sabemos hoje que as crianças têm mais contato com as tecnologias e sabem manusear melhor do que os adultos. Mas também sabemos que a maioria das crianças não tem acesso a essa tecnologia e que na escola elas terão condições de conhecer e utilizar as tecnologias em seu favor.

Há alguns meses atrás era divulgado em um jornal local de Fortaleza o trabalho realizado por uma fotógrafa juntamente com alunos do ensino médio de uma escola pública. O trabalho consistia em fotografar para registrar a realidade. E depois exposto para toda a escola o resultado do trabalho que foi bem aceito pelos alunos, que puderam aprender algo novo e participar do processo de produção das fotografias. São essas atividades que junto com as aulas complementam os conteúdos e estimulam a aprendizagem.

É interessante perceber que quando falamos de novas tecnologias no ambiente da biblioteca escolar, toda a literatura que encontramos escrita remete a “pesquisa escolar”. Não

podemos limitar os nossos olhares em utilização das novas tecnologias para as meras “pesquisas escolares”, que por muitas vezes acabam sendo uma cópia daquilo que se busca na Internet e entrega-se ao professor sem nenhuma seleção das informações pesquisadas. Corroborando MERCADO (2002, p.191-192) que:

portanto, é importante que os indivíduos das Sociedades da Informação, não só aprendam a ter acesso a informação, mas a manejar, analisar, criticar, verificar e transformar esta em conhecimentos utilizáveis podendo escolher o que realmente é importante, deixando de lado o que não é.

Encontramos assim a presença da educomunicação que vai trazer a análise mais profunda acerca das tecnologias que utilizamos na atualidade.

As pesquisas são realmente importantes para aprofundar o conteúdo dado pelo professor em sala de aula. Pensar em pesquisa, não fazer com que os alunos copiem páginas e mais páginas de livros que serão entregues como um bom trabalho e receberem notas consideráveis por essa tarefa. A pesquisa deve levar o aluno à junção de várias informações sobre um mesmo assunto que gere conhecimento. Questionar o material bibliográfico pesquisado, verificar sua fonte, criticar, analisar e fazer um trabalho que o aluno saiba que foi ele que, com sua leitura e sua opinião gerou a pesquisa. Lembramos que os alunos não são seres passivos que recebem tudo pronto e que a finalidade da pesquisa seja fazer com que os alunos pensem e produzam sobre o assunto escolhido pelo professor.

Nesse trabalho aparece a colaboração do bibliotecário que apresentará a biblioteca e tudo o que ela tiver para oferecer aos alunos. Por isso insistimos na relação professor-bibliotecário que não pode estar distante e muito menos indiferente. Na proposta de orientação da pesquisa escolar o professor pode entrar em contato com o bibliotecário que fará um levantamento bibliográfico quando os alunos chegarem à biblioteca para pesquisar. E cabe ao professor fazer uma avaliação da pesquisa entre pelos alunos, detectando o nível de leitura, escrita e interpretação dos textos. Tendo uma prévia desse primeiro momento, o professor poderá perceber dificuldades apresentadas pelos alunos e propor novas formas de pesquisar outros assuntos com a utilização das novas tecnologias.

A biblioteca participando da pesquisa poderá selecionar alguns assuntos em consenso com os professores e arquivá-los para consulta local do material produzido. Assim,

torna-se uma forma de motivação e estímulo a novas produções dos alunos. Assim os próprios alunos podem alimentar o acervo da biblioteca escolar com seus trabalhos. Essa prática, além de contribuir para o estímulo à criação docente, propiciará a fomentação e atualização do acervo da biblioteca escolar, ao mesmo tempo em que demonstrará o papel e a força educativa da biblioteca escolar.

3.4 Educomunicação como projeto pedagógico: seguindo a trilha de Paulo Freire

Paulo Freire nos seus estudos nos mostra uma nova concepção de educação e de pedagogia. A educação não deve ser para escravizar o ser humano, mas para torná-lo um cidadão, um ser digno de respeito pelo conhecimento que já traz em sua história, em sua realidade. Assim, nos revela a concepção de educação bancária que acontece na educação brasileira:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz *comunicados* e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção *bancária* da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE 1999, p.58).

O que percebemos claramente na educação é que essa concepção ainda existe e permanece. Paulo Freire defendia a educação que partisse não só da mera leitura das palavras para alfabetizar, mas que os alunos aprendendo a ler também aprendesse a leitura do mundo. Onde a “leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra” (1996, p.90). Daí está o centro da obra vasta de Paulo Freire, onde a sociedade ou as classes mais favorecidas oprime as classes menos favorecidas e mais marginalizadas. A educação bancária faz com que os educandos não aprendam, mas repitam aquilo que lhes é dado ou transmitido. Assim faz com que os educandos não reflitam, não liberem sua criatividade, sua criticidade, sua consciência de ser no mundo.

Nas próprias salas de aula visualizamos o nível que a educação é transmitida. Educandos só estudam para obter uma nota que fará com que eles passem no final do ano para o próximo estágio. Não se estuda conteúdos que realmente fazem parte da realidade da comunidade que estão inseridos. É muito cômodo ao educador passar um conteúdo que os alunos irão repetir, se nas avaliações o aluno corresponder ao nível de repetição nas aulas e os repetirem nas provas terão a nota correspondente a todo esse processo de repetição. Por isso escraviza a inteligência, não gera conhecimento e não utiliza o conhecimento já adquirido por experiência de vida.

Podemos confrontar essa concepção com o construtivismo. Segundo CARRETERO o construtivismo é:

A idéia que sustenta que o indivíduo-tanto nos aspectos cognitivos e sociais do comportamento como nos afetivos-não é mero produto do ambiente nem um simples resultado de suas disposições internas, mas, sim, uma construção própria que vai produzindo, dia a dia, como resultado da interação entre esses dois fatores. Em consequência, segundo a posição construtivista, o conhecimento não é uma cópia da realidade, mas sim, uma construção do ser humano (1997, p.10).

O indivíduo vai construindo seu conhecimento partindo do pressuposto que o ser humano não é só afetivo ou não é só racional. Ele se constitui das duas partes que resulta da interação e da disposição das mesmas. O conhecimento é gerado progressivamente com todos os componentes: físicos, psicológicos, afetivos, sociais, culturais e até mesmo cognitivo.

Os educandos não são seres passivos que só recebem informações. Dentro de cada um a informação vai ser recebida e entendida de maneira diferente. O estudo da recepção tanto para a educação como para a comunicação torna-se indispensável, pois contribui para a construção do ser humano.

Para entender o estudo que Paulo Freire propõe, vamos resgatar um pouco da história do Brasil entre a década de 1970 e 1980 e saber como os meios de comunicação e a educação eram disseminados naquela época.

Com o golpe militar de 1964, os militares instalaram no país uma ditadura militar que durou 21 anos. Nesse período que começou com o presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, várias arbitrariedades foram cometidas em nome da suposta *segurança* do país. Entre elas conhecemos os Atos Institucionais que proporcionou uma série de arbitrariedades contra a dignidade humana da população em favor de uma suposta *segurança* que deveria existir para o país contra o socialismo. Já no governo Médici (1969-1974) foi implantada a censura prévia de livros e jornais. “Foi o período em que as perseguições políticas se tornaram mais violentas. As torturas e mortes nos órgãos de repressão não chegavam ao conhecimento do público ou, quando chegavam, era de forma errônea” (ORDOÑEZ,1999 p.421). E no governo seguinte com Ernesto

Geisel (1974-1979) o Estado aperfeiçoava seus mecanismos de segurança tendo total controle sobre as universidades, impedindo manifestações de estudantes, professores e funcionários.

A cultura brasileira e os meios de comunicação nesse período só poderiam divulgar aquilo que o governo liberasse, aquilo que o governo queria. Tudo era controlado e mascarado para que tudo parecesse bem diante dos olhos da população que temia e sofria com tantas perseguições, tendo seus próprios direitos anulados em favor do Estado. Mas os artistas e intelectuais não se renderam a esta pressão política. Músicos divulgavam suas músicas com letras que geravam duplos sentidos, mas que sua mensagem era perfeitamente entendida pela população. Para não serem barrados pela censura, muitos artistas mudaram seus nomes para não serem identificados.

No plano educacional permanecia a educação bancária que Paulo Freire aborda, pois as massas deveriam ser controladas e manipuladas. Nada que promovesse a liberdade de expressão, a criatividade, a consciência enquanto cidadão poderia ser divulgado, a educação não serviria para essa vertente, não era essa a intenção. Como muitos, Paulo Freire foi exilado e passou vários anos no Chile desenvolvendo suas teorias acerca de um estudo pela educação que levasse a liberdade e a construção do cidadão consciente do seu lugar no mundo que está inserido.

Paulo Freire começou seus estudos na década de 1960, com o método para a alfabetização de adultos e posteriormente adaptado para a alfabetização de crianças. No final da década de 1950 nasceu o MCP – Movimento de Cultura Popular do Recife e criara os chamados **círculos de cultura**. Os círculos de cultura não tinham uma programação já preparada, era o próprio grupo que diria qual tema seria discutido e os educadores tratariam do tema proposto juntamente com o grupo para gerar as discussões. A partir dessa visão Paulo Freire teve condições para aprofundar seus estudos e colocá-los em prática em nome de uma nova educação de libertação.

Nos programas de alfabetização dirigidos por Paulo Freire o trabalho seguia da seguinte maneira: o educador começava seu trabalho pesquisando o local e conhecendo as pessoas com quem iria trabalhar, seus costumes, seu modo de viver. Esse exercício tinha por objetivo listar as palavras mais usadas por aqueles que seriam alfabetizados. Em seguida, a partir dessa pesquisa preliminar, nascia as **palavras** e os **temas geradores**. “As palavras geradoras deviam ser escolhidas considerando-se não apenas seu significado e relevância social para o

grupo do círculo de cultura, mas precisavam, também, apresentar todos os fonemas da língua portuguesa” (GADOTTI, 1989, p.35). Tais palavras seriam codificadas ao modo de vida das pessoas do lugar e mais tarde viriam a ser decodificadas e sobre cada palavra haveria a associação de questionamentos existenciais relacionadas à vida e políticos relacionados às questões sociais das condições de vida.

GADOTTI apresenta sobre o método usado por Paulo Freire nos círculos de cultura o exemplo da palavra tijolo escrito sobre um tijolo na parede e o exemplo da palavra geradora salário:

Palavra geradora: salário. **Idéias para discussão:** a valorização do trabalho e a recompensa; finalidade do salário: manutenção do trabalhador e de sua família e o salário mínimo e o salário justo. **Finalidade da conversa:** levar o grupo a discutir sobre a situação do salário dos camponeses; discutir o porquê dessa situação; discutir com o pessoal sobre o valor e a recompensa do trabalho. **Encaminhamento da conversa:** o que é que vocês estão vendo neste quadro? o que é o salário? Como deve ser o salário? por quê? (1989, p.36).

Nesse processo, novos temas geradores vão aparecendo e nessa fase são feitas as decomposições das famílias fonéticas, dando subsídio para a leitura e a escrita. O método foi bem aceito e desenvolvido nos locais que Paulo Freire trabalhou. Com relação à alfabetização de crianças o método deveria ser adaptado como o próprio Freire entendia, assim GADOTTI apud FREIRE (1989, p. 40-41) ressalta que

Trata-se basicamente de uma visão diferente da prática educativa. Na educação das crianças, o importante não é abrir a cabeça delas para lhes dar nomes de ilhas e vultos, mas possibilitar que as crianças criem conhecendo e conheçam criando [...], expressando-se e expressando a realidade, numa compreensão crescentemente lúcida de sua realidade. Isso é difícil porque os pais, ideologizados pela consumação, exigem que, nas escolas, seus filhos consumam conhecimentos. Os pais exigem que as escolas sejam pequenos pegue-pagues para seus filhos. Mas hoje também há espaços para que mudemos essa prática.

Paulo Freire não chegou a desenvolver a alfabetização de crianças, esse trabalho ficou a cargo de sua filha, Madalena. Ele analisou as cartilhas de alfabetização que eram utilizadas nas escolas e as criticou, pois não seria interessante utilizar o mesmo material para a alfabetização de adultos. Seria inconseqüente levar ao trabalhador que, depois de um dia árduo de trabalho, uma cartilha que obrigasse a repetição de frases como: A ave é de Ivo. Eva viu a uva. Não teria sentido nenhum com sua realidade e continuaria a conhecida educação bancária. Propôs então que as cartilhas utilizadas para a alfabetização fossem de acordo com a realidade das

crianças, jovens e adultos que seriam alfabetizadas. Criticou também que certas cartilhas eram produzidas, por exemplo, no sudeste do país e anulava um pouco da realidade do norte e do nordeste. Assim era necessário que essas cartilhas fossem produzidas de forma regional ou local de acordo com história da população e seu modo de vida.

Paulo Freire percorreu o mundo quando estava no exílio e manteve contato com outros povos, outras culturas e deixou um pouco do seu trabalho por onde esteve, sendo conhecido mundialmente. Voltou ao Brasil em julho de 1979, revolucionando o país e o mundo com seu método libertador.

Partindo desse pressuposto histórico que levantamos posteriormente vamos associá-lo à questão das novas tecnologias que hoje se apresentam cada vez mais presentes na educação. Paulo Freire comenta:

ao pensar sobre o problema dos chamados meios de comunicação, portanto, fica claro, logo assim de saída, que me sinto um homem do meu tempo [...] é impossível pensar o problema dos meios sem pensar a questão do poder. Os meios de comunicação não são bons nem ruins em si mesmos. Servindo-se de técnicas, eles são o resultado do avanço da tecnologia, são expressões da criatividade humana, da ciência desenvolvida pelo ser humano. O problema é perguntar a serviço do que e a serviço de quem os meios de comunicação se acham. E esta é uma questão que tem a ver com o poder e é política, portanto (1984, p.83).

Os meios de comunicação não trazem em si a neutralidade que muitas pessoas pensam existir pelo fato de levar informação e entretenimento à população. Através de alguns meios, principalmente a televisão, é gerada uma cultura que propaga ideologia daqueles que detêm o poder. Basta comprovar essa situação num período eleitoral em que os candidatos usam da mídia para divulgar suas propostas e de maneira discreta ou ofensiva derrubar o adversário. Informação também é poder. E tal poder hoje está nas mãos de poucos que manipulam os meios. Paulo Freire comentava que assistia à televisão, via as propagandas e que aprendia muito, as criticando. Dizia que era um telespectador muito exigente porque não se entregava facilmente. Analisava a programação disponibilizada à população. Assim divulgava a crítica aos meios, pois muito dos programas, principalmente da televisão que era o meio mais acessível, não ia ao encontro do dia-a-dia da população. Por isso levantar a questão ideológica é tão importante nesse contexto.

Outra questão abordada por Paulo Freire era o uso dos meios de comunicação na educação. Ele mesmo afirma que:

Eu não sou contra a informática, não sou contra o uso dos computadores. Já disse que faço questão de ser um homem do meu tempo. O problema é saber a serviço de quem, e de que, a informática entrará agora maciçamente na educação brasileira [...] O que é que há por trás desse manuseio? É uma experiência de classe, indiscutivelmente, que está aí. O meu receio, inclusive, é que a introdução desses meios mais sofisticados no campo educacional, uma vez mais, vá trabalhar em favor dos que podem e contra os que menos podem. Por isso é que digo que a crítica a isso não é uma crítica técnica, mas política (1984, p.83).

Segundo GÓMEZ o estudo dos meios de comunicação na América Latina era fundamental na década de 1970 e 1980: “Sua preocupação central era com o potencial ideológico dos conteúdos. A linguagem, a técnica e a forma não importavam. Não se percebia como uma problemática. O problema era a ideologia que se transmitia” (2005, p.18). Por isso sempre existiu a preocupação com o tipo de informação repassada pelos meios de comunicação principalmente aqui no Brasil que estava vivenciando um dos períodos mais tenebrosos de sua história.

Mas a educação ganhou um sentido todo especial nas camadas populares com o método de Paulo Freire onde tudo tem por base a educação, o qual sempre foi deixada a segundo plano nos governos imperialistas e republicanos do país. A educação nunca foi prioridade, pois era necessário que se pensasse e agisse em nome do povo, forjando formas de governo que não tinham a sua participação e nem deixasse exercer sua cidadania. Hoje percebemos essa educação com iniciativas mais concretas em relação á alfabetização de adultos como, por exemplo, o ensino pelo Telecurso 2000 que alfabetiza operários em várias empresas e na construção civil.

3.5 Educomunicação na biblioteca escolar

Podemos dizer que a biblioteca inserida na escola faz parte daqueles ambientes educacionais já mencionado anteriormente. Ambiente não só de leitura e pesquisa bibliográfica, muitas atividades podem e devem ser desenvolvidas pela biblioteca. No caso da educomunicação inserida na biblioteca escolar os objetivos são ainda maiores e mais ousados. Como trabalhar as novas tecnologias dentro da biblioteca escolar? Vamos mostrar as possíveis atividades utilizando a educomunicação.

Em primeiro lugar a biblioteca pode realizar uma orientação de como utilizá-la para as pesquisas escolares, empréstimo de livro, consulta local de material que não são disponibilizados para consultas domiciliares. Pode também ensinar os alunos a fazerem pesquisa na biblioteca pela Internet se a escola tiver um site. È o primeiro passo que ela dará para mostrar aquilo que possui e oferece. Poderia ser criado um manual que explicasse passo a passo como consultar os serviços de bibliotecas virtuais, como especificar assunto por palavras chaves na busca pela Internet, quais os melhores sites de busca que os alunos possam consultar, ampliando assim as ações das salas de aulas, otimizando opções de buscas, de consultas e potencializado – sempre pela mediação do bibliotecário – uma leitura crítica dos documentos da biblioteca.

Em um segundo momento a biblioteca pode conversar com professores e direção para desenvolver oficinas que utilizem as novas tecnologias que a escola disponibiliza. Onde convênios podem ser realizados com outras instituições, centros culturais, universidades e outras bibliotecas para ministrarem essas oficinas. Exemplos: oficina de fotografia, de desenho animado, oficina elementar de cinema, oficina de contação de história, oficina de panfletagem para divulgação de eventos da escola, que trabalha com sistemas operacionais de arte gráfica do computador, oficina de animação cultural e outros. Se a biblioteca quiser pode alternar as atividades com aquelas que não utilizam as novas tecnologias para desenvolver várias aprendizagens sem se prender a equipamentos e máquinas.

Outra atividade interessante que algumas escolas já fazem aqui em Fortaleza é a criação do jornal da escola, produzido e coordenado pelos próprios alunos. A educomunicação pode interferir de maneira positiva nessa produção. Entender o processo de produção do jornal e repassá-lo aos outros pode ser uma maneira de disseminar as informações descobertas pelos editores do jornal, que facilitaria muito a compreensão do universo escolar e a colaboração dos demais alunos para a produção deste. Uma atividade que poderia ser realizada por essa equipe com o auxílio do bibliotecário e do professor é a análise de matérias de jornal sobre um mesmo assunto. Isso atualmente já é percebido na mídia local que através dos telejornais disponibiliza as informações, mas que muitas vezes causam dúvidas pela imprecisão das mesmas. Geralmente percebemos a imprecisão dos números repassados, por exemplo, de um acidente que aconteceu com determinado ônibus ou avião que teve 10 feridos e 2 mortos, em um outro noticiário vai dizer que foram 9 feridos e três 3 mortos. Isso acontece bastante e alunos poderiam usar para analisar e criticar a mídia.

Em um terceiro momento a biblioteca pode realizar uma exposição ou pode utilizar o espaço de semanas culturais. Ao final de cada oficina realizada pela biblioteca uma amostra pode ficar aberta na própria biblioteca para expor o resultado dos trabalhos produzidos pelos alunos. Uma exposição de uma semana, palestras sobre o assunto da oficina, distribuição de folderes e outras formas de informar a escola que a biblioteca existe e que pode despertar nos alunos novos conhecimentos pela realidade que estamos inseridos.

A escola deve lembrar que o uso das novas tecnologias existe para complementar o ensino e melhorar o aprendizado. A biblioteca sempre vai ser biblioteca, o que vai mudar são as várias formas de apresentação da informação, que será incluída na biblioteca e no ambiente escolar. MERCADO (1999, p.16) comenta sobre o uso da Internet e das novas tecnologias na escola:

O acesso à Internet e a introdução das novas tecnologias na escola provocam transformações no conhecimento, na produção, no armazenamento e disseminação da informação. A grande quantidade de fontes de pesquisas abertas aos professores e alunos pela internet, através das bibliotecas digitais, em substituição às publicações impressas, junto com os cursos à distância, por videoconferência ou pela rede, tornam insuficientes os programas de capacitação tecnológica da sociedade brasileira (Moraes, 1996; Costa & Xexéo, 1997) que atenda a demanda do mercado atual e futuro.

Realmente temos que atentar para o problema mais visível que se apresenta com a chegada das novas tecnologias na sociedade e principalmente na escola: o acesso às novas tecnologias. Não são todas as pessoas que possuem um computador em casa para realizar suas atividades. E por muitas vezes, o número de computadores das escolas torna-se insuficiente para a grande quantidade de alunos por sala de aula que utilizam em aulas complementares. Mas o que mais chama atenção na citação acima é quando se aborda a questão da *quantidade de fontes de pesquisas abertas pelas bibliotecas digitais em substituição às publicações impressas*. Mais uma vez devemos ter cuidado com o que lemos e analisar o que escrevem certos autores.

Como dito antes, biblioteca sempre vai ser biblioteca, o que vai mudar são os novos materiais utilizados por ela para a disseminação da informação. Não é que os livros vão desaparecer ou que só teremos as bibliotecas digitais para pesquisar. As bibliotecas digitais são mais uma opção para o ambiente escolar que precisa fazer uma filtragem das informações para

serem utilizadas pelos alunos, devido a sua grande quantidade. A tecnologia vai ajudar, auxiliar, melhorar o processo de conhecimento das pessoas. A biblioteca não pode sumir de uma hora para outra sendo substituída pelas tecnologias. Ela deve atentar para aliar-se às novas tecnologias e melhorar a disposição dos seus serviços. Lembremos que nem todos têm acesso às tecnologias e que a biblioteca ainda é uma saída para a busca de informações, produção de pesquisas científicas e entretenimento.

Outro ponto a ser comentado é sobre a capacitação tecnológica da população brasileira que ainda está aquém para acompanhar o grande avanço tecnológico. Com tantas formas, diariamente novas versões de programas de computador, jogos eletrônicos e novos equipamentos são criados e lançados no mercado. E a biblioteca escolar pode através da educomunicação, criticar esses meios. Essa questão é abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais que traz um tópico sobre novas tecnologias na educação. Divulga o real sentido do uso desses meios na educação:

A tecnologia deve ser utilizada na escola para ampliar as opções de ação didática, com o objetivo de criar ambientes de ensino e aprendizagem que forneçam a postura crítica, a curiosidade, a observação e análise, a troca de idéias, de forma que o aluno possa ter autonomia no seu processo de aprendizagem, buscando e ampliando conhecimento (1998, p. 156).

O uso das tecnologias na escola deve ter uma finalidade em sua prática pedagógica. Os meios devem ter a finalidade de participar e interagir no ambiente escolar, com os outros mecanismos de ação pedagógica e didática, criando novas opções de aprendizagem. E tais opções devem estimular o aluno a ter autonomia para construir também seu próprio conhecimento, a partir da sua vivência com as novas tecnologias. Não se trata, é claro, de apenas usar os produtos da mídia como recursos didático-pedagógicos, mas, a partir dele, questionar seus processos de produção, suas posturas editoriais; desmistificar, enfim, seus processos de construção de sentidos.

Tecnologia incluída nas atividades pedagógicas, com o apoio da biblioteca vão modificar todo o processo de aprendizagem dos seus alunos:

A escola, como agência de socialização, de inserção das novas gerações nos valores do grupo social, tem o compromisso de propiciar ao aluno o desenvolvimento de habilidades e competências, como: domínio da leitura, que implica compreensão da escrita; capacidade de comunicar-se; domínio das novas

tecnologias da informação e de produção; habilidade de trabalhar em grupo; competência para identificar e resolver problemas; leitura crítica dos meios de comunicação de massa; capacidade de criticar a mudança social (MERCADO, 1999, p.27).

Desenvolvendo tais competências os alunos terão uma visão autônoma de sua própria educação e estarão preparados para serem cidadãos críticos e produtivos na sociedade.

Mas todo o processo de construção do conhecimento direcionado pela escola vai depender da colaboração dos professores e dos bibliotecários. No contexto abordado apresentaremos o conceito de educadores e também de bibliotecários. O conceito de bibliotecário é uma nomenclatura que criamos para dizer que o bibliotecário pode incorporar características do educador na sua prática profissional. Como existe o conceito de educador, encontramos um conceito para o profissional que trabalha com essa nova concepção do estudo dos meios de comunicação. As principais características do educador são:

Tem consciência de que uma educação de massa e multicultural vai além da simples aquisição de conhecimentos escolares; sabe que a introdução dos meios como objeto de estudo não tem por finalidade formar um jornalista ou apresentador, mas sim ensinar seus alunos a analisar seja os diversos pontos de vista (econômico, ético e político), seja as montagens do discurso e da cena que constroem as mensagens e aceitar um novo referencial para a relação educador-educando. Os novos alunos podem ensinar o professor assim como ensinam uns aos outros (REMOTO CONTROLE, 2004, p. 261).

O educador é considerado assim o novo profissional do século XXI que vai inserir e integrar os meios na sua prática pedagógica. Por isso comentamos que o saber é algo mútuo, onde tanto professor quanto aluno repassam e recebem informações. Os alunos não são mais tão passivos quanto se costumava pensar e professores já não dão tudo pronto para que os alunos recebam e decorem seus ensinamentos. São saberes construídos progressivamente que interligados terão sentido para a aprendizagem e para a vida de todos. O educador tem a visão de que os meios são utilizáveis, necessários, mas que precisamos ter um posicionamento crítico em saber quem produz as informações e de que maneira vamos recebê-las e qual impacto terá no nosso cotidiano e na nossa vida.

Buscando outros conceitos encontramos a professora da Universidade Paris 8 (Sorbone), GENEVIÈVE JACQUINOT (1998):

o educador reconhece que não há mais monopólio da transmissão de conhecimento, e que não é só o professor que tem o direito da palavra. Os professores que introduziram os meios na escola, a imprensa, a televisão, puderam perceber que isso provoca mudanças profundas nos objetivos e nos métodos de ensino.

O educador deve trabalhar em virtudes de métodos que gerem resultados significativos para sua pesquisa enquanto educação dos meios de comunicação. O que vai interessar na prática é como fazer e qual vai ser o resultado dessa prática. E o mais importante de todo esse processo é a educação continuada que os profissionais da área educacional, envolvendo os que trabalham com a comunicação, educação e informação vão se reciclar para dar o suporte necessário para os bons resultados de tais estudos.

Para SCHAUN (2000, p.4) os educadores são agentes transformadores que modificam a sociedade pela sua contribuição comunicacional:

Os educadores são agentes de transformação na medida em que aceitam desafios e buscam, inspirando-se no cotidiano e nas referências locais, mudar a realidade com projetos criativos e inovadores, sempre privilegiando o convívio e o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos.

O desenvolvimento de ecossistemas comunicativos, como comentado anteriormente quando conceituávamos a educação, traz benefícios a todos que estão inseridos nesse processo. Sair da passividade e construir seu próprio projeto de comunicação, disseminar idéias, expressar pensamentos, permite ao aluno principalmente, uma autonomia e autoconfiança que fará com que vá mais além nos estudos e nos relacionamentos com a família, com a escola e com o mundo. O educador é a peça motivadora para que esses ecossistemas funcionem de maneira consciente e positiva.

Trazendo essa esfera para o campo da biblioteca, o bibliotecário como aquele que trata e dissemina informação, como ser pró-ativo, comunicativo, que trabalha com as várias áreas do saber, não pode estar distante desta nova realidade. E além disso, deve incorporar em sua própria prática as características de um educador, como comentamos anteriormente. Para que isso ocorra, a educação continuada se faz necessário. O bibliotecário precisa descobrir novas possibilidades de conhecimento para aplicar nas atividades desenvolvidas com os alunos, na biblioteca escolar.

Os meios os quais se utiliza não podem ser somente para a otimização dos serviços que a biblioteca oferece, como propomos durante toda a análise deste trabalho, mas que tenha a participação efetiva na aprendizagem dos alunos pela leitura e criatividade crítica daquilo que se manuseia e que se produz. RESNICK (2006, p. 90) ressalta que existe três formas que os meios tecnológicos são relevantes:

No acesso à informação, na comunicação (entendida como troca de conhecimento) e como meio para que as pessoas exerçam sua criatividade. Infelizmente, a maior parte do aparato moderno se limita a fazer coisas velhas de forma diferente. Com frequência, as pessoas pensam na educação como repasse de informações para o estudante. Esquecem-se de que as mais importantes experiências ocorrem quando o aluno está ativamente engajado em projetar, criar e experimentar.

A experiência enquanto conhecimento deve ser estimulada, porque o aluno vai ter uma nova visão de si mesmo e do potencial que pode desenvolver. A biblioteca despertando o interesse para novas criações vai chamar atenção tanto dos alunos quanto da própria comunidade escolar.

4 BIBLIOTECA ESCOLAR: CO-ADJUVANTE NA EDUCAÇÃO: Estudo de Caso da Biblioteca Infantil Letícia Gontijo do Colégio Ari de Sá Cavalcante

4.1 Compreender o papel da mídia no processo educativo

Vamos apresentar neste capítulo a pesquisa realizada na Biblioteca Infantil Letícia Gontijo do Colégio Ari de Sá Cavalcante na Sede Washington Soares.

O Colégio Ari de Sá conta com três núcleos na cidade: Sede Washington Soares, Sede Duque de Caxias e uma nova Sede que está para ser inaugurada na Aldeota. O ensino vai desde o pré-escolar até o pré-universitário, tendo uma boa estrutura física e pedagógica.

Compreender o papel que a mídia realiza no processo educativo é ir além de um pensamento unilateral dos meios que hoje temos disponíveis. Identificamos nesta escola a presença da mídia não só no que diz respeito à aparelhagem multimídia como: computadores; data show utilizado pelos professores e outros instrumentos, mas a grande presença do meio de veiculação mais utilizado para alcançar a população e divulgar as atividades desenvolvidas pela escola, pela biblioteca e pela comunidade escolar, que é a Internet. Além destes meios e da Internet, vamos comentar sobre atividades realizadas pela biblioteca que muito contribuem para a nossa abordagem sobre a educomunicação.

As atividades realizadas pela biblioteca escolar devem chamar atenção do seu usuário para uma forma de perceber as novas tecnologias como contribuição de uma realidade que vivenciamos hoje. Unir o que a biblioteca oferece em termos de material bibliográfico ao material de multimídia que a escola oferece, para a complementação dos conteúdos dados em sala de aula. Dessa união deve surgir um material de produção que leve o aluno a dialogar com o mundo que gira ao seu redor e produzir aquilo que dê subsídio para uma nova visão de mundo percebido através da mídia e dos meios de comunicação.

A biblioteca aborda muito a questão do livro e da leitura, que não deixa de ser importante para a sua práxis. E ultimamente quando tratamos de novas tecnologias, vem a questão da Internet e das pesquisas escolares mais especificamente. A crítica dos meios que encontramos na biblioteca escolar, segue esse sentido. Mas a biblioteca poderia buscar junto a outras instituições que trabalham nesse sentido uma orientação de como delinear ações mais

voltadas para a perspectiva da crítica à mídia atual, em favor de atividades mais voltadas para a produção interna, que a escola pode gerar pela criação de material dos próprios alunos.

Podemos dar algumas sugestões de atividades que desenvolvidas de forma criativa e lúdica, produzam o efeito positivo da mídia sobre o processo de educação e cidadania dos alunos. Exemplos como: a produção de um vídeo institucional descrevendo a escola e a biblioteca, criado pelos próprios alunos, mostrando como os mesmos vêm a instituição de ensino; a criação de espaços de encontro na biblioteca, onde haja um tema a ser debatido, e que desse debate surja um folheto ou um informativo que circule em toda a escola; a produção de um documentário sobre temas vistos em sala de aula, como assuntos sobre biologia, física ou química que despertam a curiosidade dos alunos acerca de fenômenos da natureza e seus problemas, chamando atenção também para a questão do meio ambiente e preservação ambiental.

Todas essas atividades podem posteriormente, serem confrontadas com as mensagens que a mídia repassa diariamente para a população. Trazer a diferença entre a produção vinculada pelos meios atuais e a produção que a escola, pelo trabalho da biblioteca, pode disponibilizar para a comunidade escolar. Para direcionar essa proposta, a escola pode planejar, junto com a biblioteca e o corpo docente, como abordar a questão da crítica a mídia no processo de ensino/aprendizagem escolar. A participação da universidade na realização desta ação seria importantíssima, pois os alunos de Biblioteconomia e Comunicação Social teriam condições de desenvolver um projeto de extensão, que pudesse levar a educomunicação para as escolas. Seria uma forma de aprofundar os estudos e fazer na prática, atividades de cunho educacional.

Outra atividade interessante seria a veiculação de um programa de rádio escolar. Se a escola tiver um sistema de comunicação interna com algumas caixas de som espalhadas pelas salas e pelos corredores, durante o intervalo das aulas um programa de 15 a 20 minutos poderia ser preparado com a ajuda da biblioteca e dos professores para informar aos demais alunos daquilo que está acontecendo na escola. O programa poderia ser diariamente incluindo uma programação musical ou semanal, sendo escolhido o dia da semana para ir ao ar. Diferente do modelo vigente na mídia, com peculiaridades próprias encontradas na escola.

Um aspecto que deve ser levado em conta é o que diz respeito ao acesso. Estamos realizando a pesquisa em uma escola privada que terá condições de concretizar algumas dessas atividades que requer meio efetivo para sua disseminação, como uma aparelhagem de som ou

material. Lembrando que a publicidade do colégio é bem realizada pela mídia local, que disponibiliza outdoors, propaganda em jornal, televisão e rádio.

Como o colégio tem uma boa infra-estrutura física, reúnem no mesmo prédio espaços como: a biblioteca, os laboratórios de química, física, biologia e redação, além do teatro e sala de arte. Tudo isso com o que há de mais novo e confortável para atender sua clientela. A biblioteca deve utilizar os espaços que o colégio dispõe. Por exemplo, se existe um teatro, então a biblioteca poderia promover peças a partir de datas comemorativas ou mesmo peças de conscientização para a mídia. Levantar através do teatro, temas polêmicos, dizendo com a mídia explora esses assuntos e como deveria ser na realidade. Dessa forma a crítica aos meios seria feita de forma mais descontraída e mais prazerosa.

Percebemos que existe uma grande interatividade entre direção, docentes e biblioteca em relação a todos os serviços prestados à comunidade escolar. O colégio por ser de ensino privado dá condições favoráveis aos profissionais para exercer da melhor maneira possível suas atividades. As novas tecnologias que trazemos para a discussão neste trabalho está presente no ambiente da escola, mas sendo utilizadas para dar apoio nas aulas repassadas pelos professores e atua como uma ferramenta a mais para chamar atenção dos alunos. Mas sabemos que as tecnologias podem ser mais bem exploradas se houver ações nesse sentido. Se o aluno descobrir que ele pode produzir algo, fruto de sua criatividade, estudo e esforço, ele irá realizar muito mais em favor ao seu aprendizado. Precisamos deixar a passividade de lado e fazer com os alunos se movimentem, participem de um aprendizado, que eles saibam que só depende deles para ter êxito.

Quando comentamos na entrevista com a bibliotecária como ela via a contribuição das novas tecnologias para a educação e para o trabalho pedagógico desenvolvido pela biblioteca, nos surpreendemos com sua resposta: *“Bom, eu vejo que as novas tecnologias hoje nem são mais novas. Elas são uma ferramenta importantíssima para a agilidade das informações, para a qualidade também dessa informação que você presta ao seu usuário (...). Mas que não esqueça também que junto a essas novas tecnologias existe todo um trabalho, um trabalho pensante do ser humano”*.

Quando falamos em novas tecnologias a primeira idéia que nos passa pela cabeça é a informática, os computadores. Essa foi a idéia transmitida por Neiva nesta entrevista. A idéia

das novas tecnologias para a agilidade das informações e a qualidades dos serviços prestados, pois o mundo hoje está informatizado e temos que seguir essa nova tendência para não nos atrasarmos diante de tantas transformações e mudanças tecnológicas.

Para complementar nosso raciocínio do que percebemos no colégio e principalmente na biblioteca, que Neiva também não entendeu quando perguntamos se ela havia escutado falar em educomunicação ou educação para a mídia: *“Educação para a mídia para mim é muito confuso, educação para a mídia. O que eu vejo em termos de biblioteca, em termo de informação, nós como profissionais, passamos através da mídia é a informação sobre a leitura, sobre novos títulos, sobre o que se realiza na biblioteca, pra mim não vejo uma coisa muito especial a educomunicação”*.

Compreendemos que a educomunicação é algo realmente novo para a comunidade escolar, que ela mesma não tem informação sobre o que é e como se trabalha as novas tecnologias pela perspectiva da educomunicação. A educomunicação faz com que a escola perceba que os meios podem ser utilizados de maneira positiva para a complementação das atividades realizadas em sala de aula, e que pode interferir na vida cotidiana e escolar. Queremos trazer essa perspectiva também para a biblioteca escolar. A mídia utilizada na biblioteca, não deve ser só para divulgar a informação de novos livros ou só o estímulo à leitura, mas deve permitir a produção dos alunos. Fazer com que os meios estejam mais presentes nas atividades e que os alunos percebam que podem fazer mídia também de maneira mais educativa, explorando aquilo que aprendem em sala de aula, através de outros meios, diferentes do discurso pregado em sala pelo professor. É mostrar ao professor que existe uma forma mais divertida de aprender e que a biblioteca proporcione esse momento de descontração, mas tendo em mente, o trabalho reflexivo e crítico, que há por trás dessas atividades.

O uso das novas tecnologias não se limita somente ao uso das ferramentas tecnológicas, mas principalmente a sua análise e a sua produção interferindo nas mensagens recebidas dos meios. Por exemplo, falamos sobre a questão do teatro, que a biblioteca pode dramatizar temas polêmicos através do teatro. Essa mesma atividade pode ser realizada de outra maneira. Um assunto polêmico pode ser mostrado por alguma reportagem retirada de jornais ou telejornais, gerando um debate ou até mesmo um júri simulado, onde podem ser comentados aspectos negativos e positivos que a mídia traz através das mensagens transmitidas. Questionar

com os alunos como a escola e a biblioteca podem modificar a realidade através da mídia e dos meios.

Assim fazer um diagnóstico da realidade dos alunos, como eles percebem a mídia, como ela interfere no cotidiano, se a programação veiculada corresponde as suas expectativas e a sua realidade, se eles se interessam em realizar uma mídia diferente, e outros pontos que podem ser levantados através de debates promovidos nas atividades da biblioteca escolar. O mais interessante que vamos discutir nos próximos tópicos é que esta biblioteca escolar desenvolve atividades educacionais e não sabe.

Conhecer a educação pelo aspecto da biblioteconomia é aliar o conhecimento técnico, teórico e prático do fazer bibliotecário ao mecanismo tecnológico que invade todas as áreas do conhecimento para algo rápido, lógico e fascinante que só as novas tecnologias juntamente com os meios de comunicação podem propiciar. É fazer da educação aliado importante na busca de um novo tipo de leitura que não é somente a leitura de livros, revistas ou literatura impressa.

Mas é aprender que no cotidiano outras formas vão surgindo e que podemos aprender novas formas de leitura através da mídia e das novas tecnologias. Como analisar uma propaganda de publicidade, questionar um programa de televisão, uma telenovela, as informações repassadas pelos telejornais, as notícias escritas no jornal impresso local, o tipo de pesquisa realizado na internet pelos sites de busca por assunto, imagens e vídeo.

E com a ajuda da escola e principalmente da biblioteca o aluno se sente mais próximo da sua realidade e mais confiante porque sabe que profissionais preparados estão ali para ajudar, ensinar e aprender com ele em novas experiências escolares. Por isso reforçamos a idéia de que as novas tecnologias devem está presentes na escola e que os professores e bibliotecários devam ser capacitados para desempenhar papel tão importante na construção da educação como meio de formar cidadãos conscientes e críticos diante dos meios.

Um computador, uma câmera filmadora ou fotográfica, um aparelho de som não vão resolver os problemas que a educação e posteriormente a biblioteca escolar enfrentam. A questão que se discute é a melhor forma de trabalhar aquilo que a educação e a biblioteca escolar

há décadas disseminam para a formação de seus alunos. São ferramentas novas que são propostas e análises novas que surgem com elas.

Se compararmos uma aula de biologia dada dentro de sala de aula com uma aula de campo dada em um bosque ou em parque botânico, os alunos perceberam que tudo aquilo que foi dito em sala de aula faz todo o sentido, pois estão tendo a oportunidade de ver, de sentir, de tocar com as próprias mãos aquilo que outrora estava escrito num livro de biologia. Com a educomunicação acontece algo parecido. Falar, analisar, questionar, comentar as mensagens recebidas pela mídia seja ela transmitida por televisão, rádio ou Internet traz um sentido diferente para os alunos no ambiente da escola. Mas se o professor pedir aos alunos uma pesquisa diferente como um documentário apresentado por eles mesmos na biblioteca com recursos de som, apresentação de slides ou dramatização seria um a forma de motivá-los a usar a criatividade e promover a produção textual e oral dos mesmos.

Para a preparação deste documentário os alunos precisarão de conteúdo para falar, de uma seqüência de informações para que a idéia central seja transmitida de forma que os demais entendam. É a intenção da atividade que vai motivar sua exceção e os alunos estarão mais engajados, dando o melhor de si para terem o resultado positivo da atividade.

Não desejamos aqui separar o que é educomunicação ou educação para a mídia e a ação realizada pela biblioteca escolar. Desejamos que a educomunicação esteja contida na biblioteca escolar e faça diferença juntamente com a promoção à leitura, ao ensino e a aprendizagem. Juntas terão condições de conquistar seus usuários e ter credibilidade perante suas ações.

4.2 Tratamento diferenciado aos acervos midiáticos

Trazendo a questão das novas tecnologias para o ambiente da biblioteca escolar percebemos que em relação a educomunicação não existe uma consciência, ou mesmo, um entendimento do que seja esse novo campo de estudo da comunicação/educação. Mas algumas práticas desenvolvidas pela biblioteca nos levam a crer que a educomunicação pode ser entendida e pode ser aperfeiçoada na escola. O aluno precisa vivenciar um aprendizado que dependa do seu esforço em aprender e fazer coisas novas.

Concordamos com RESNICK (2006) que os alunos estão acostumados em realizar as mesmas atividades de maneira diferente. E onde está a criatividade e a crítica dos alunos no ambiente escolar? A biblioteca pode traçar metas e objetivos no sentido de alcançar os alunos em ações diferentes, com temáticas diferentes. E ressaltamos que os alunos precisam ter a consciência de como a mídia age e opera na sociedade, através dos seus produtos como resalta BUCHT (2002).

A biblioteca em estudo é referência no colégio pelo seu atendimento e serviços prestados. Nas sedes do Colégio Ari de Sá, as bibliotecas juvenis e infantis são separadas e tem espaços diferenciados pelo tipo de usuário que atendem. Na figura n.4 vemos a estrutura física da biblioteca infantil onde a localização dos livros nas estantes é feita por cores e não por classificação, mas os livros têm uma numeração específica que identifica onde estão quando é feita a busca no sistema da biblioteca. As prateleiras também são de fácil acesso, baixas para que as crianças tenham como pegar os livros que estão procurando. Os livros também são separados nas prateleiras por série de ensino (1º série, 2º série em diante) e por coleção.



Figura 4

Os serviços da biblioteca são os mesmos que encontramos em qualquer outra biblioteca infantil: serviços de empréstimo, incentivo à leitura, disponibilidade de local para estudo individual, apoio nas pesquisas exigidas pelos professores. Mas no aspecto pesquisa escolar, a biblioteca faz um trabalho de conscientização dos alunos para a produção da pesquisa própria, onde o aluno faz a leitura do material pesquisado e faz a sua pesquisa e não uma mera cópia dos livros pesquisados. Neste sentido os alunos já possuem uma melhor orientação em relação à pesquisa escolar.

Mas o que diferencia esta biblioteca das demais são as outras atividades desenvolvidas por ela em relação à produção de textos e incentivo à leitura. Não comentamos

aqui a questão dos meios de comunicação, pois percebemos que a biblioteca não é muito provida de “aparato tecnológico”. O que ela possui é um sistema informatizado que facilita a questão dos empréstimos, devoluções e processamento técnico dos livros. Como o colégio possui outros espaços para essas vivências *mediáticas*, a biblioteca oferece o seu espaço para outras atividades mais relacionadas à produção de textos, livros e incentivo à leitura. Vamos abordar essas questões posteriormente em um tópico voltado para o livro como mídia.

Perguntamos á Neiva ainda na entrevista se os professores utilizam as novas tecnologias em sala de aula e se eles participam das atividades desenvolvidas pela biblioteca. Ela ressaltou que: *“O professor é nosso maior leitor e maior aliado. Ele pesquisa aqui na biblioteca. Ele consulta o nosso site e vê o quê que nós temos de mais novo aqui na biblioteca. È, por exemplo, as novas aquisições da biblioteca, ele tem acesso. E assim, todas as informações na sala de aula são utilizadas através do data show, da questão dos meios, que a informática produz, que a escola propicia a esse professor”*.

A intenção desse questionamento era saber se o professor utiliza os meios de comunicação em sala de aula e se na biblioteca, nas atividades que ela desenvolve com os recursos dos meios de comunicação, o professor também tem conhecimento e participa. Sabemos que o que prevalece na escola na atividade pedagógica aplicada é o trabalho em conjunto, o trabalho em equipe, que o bom resultado dos alunos depende do bom funcionamento das estruturas responsáveis pelo aprendizado destes.

Como Neiva colocou, o professor é o maior aliado junto com a biblioteca. Ele está presente e participa sim das atividades que a biblioteca promove. Mas quando se fala em novas tecnologias novamente aparece o computador, a informática. Em várias atividades que a biblioteca desenvolve junto com os professores a educomunicação se apresenta. Nas várias leituras, nas várias formas de pesquisar, de estudar, a educomunicação está escondida e precisamos visualizá-la, entendê-la e praticá-la para poder interferir de forma mais efetiva na sociedade e no nosso cotidiano.

As práticas leitoras voltadas para a leitura de livros dentro da biblioteca são bem trabalhadas e divulgadas para os alunos. Mas não encontramos a leitura dos meios de comunicação, que seria um aspecto a mais que a biblioteca poderia desenvolver. Como o projeto quem está lendo o quê, que vamos abordar no próximo tópico sugere ao aluno a leitura de algum

livro de sua preferência e faz com que ele mesmo diga o quanto é bom aquele livro e que vale a pena ler, sendo disponibilizado pela Internet sua sugestão.

Além do incentivo a leitura, outro aspecto interessante na biblioteca é a questão do lúdico, da brincadeira. Encontramos na estrutura física da biblioteca o pequeno palco de madeira que permite uma melhor apresentação de atividades como: contação de história, dramatizações, recital de poesias, que a biblioteca oferece. Com esse recurso a biblioteca poderia incluir os meios para melhorar as atividades e explorar o que a biblioteca desenvolve e o que a mídia oferece, sempre confrontando as diferenças existentes.

Isso é muito importante, porque desperta no aluno um lado mais descontraído da atividade, uma melhor participação que o levará a perceber que o aprendizado pode-se tornar uma grande brincadeira sem perder o aspecto educativo. Como um dos slogans que o colégio usa: brincando também se aprende. A biblioteca infantil precisa realmente usar desses artifícios para conquistar seus usuários por mais que sejam crianças, pois se conquistadas na infância serão grandes usuários de bibliotecas tanto escolares, quanto públicas.

Diante das novas tecnologias o que percebemos é a presença dos meios para a melhor atuação nas atividades da biblioteca, mas sem nenhum sentido de análise ou crítica às mensagens que vinculam na atualidade. A contribuição dada por esses meios estão relacionados ao que diz respeito ao funcionamento da biblioteca. O acervo é composto por em média de 10.000 títulos entre livros, revistas, jornais, livros técnicos, livros didáticos, mapas, obras de referência e tendo no seu mobiliário da biblioteca infantil: mesas, cadeiras, caixotes, estantes, almofadas, computadores, som, televisão, dvd e os meios multimídia para a execução das atividades.

O sistema de reserva da biblioteca foi modificado para atender os alunos que recebem em sala de aula um cupom indicando a disponibilidade do livro almejado. O acesso à Internet tem destaque em relação a tipos de pesquisas e informações. O uso de novas metodologias utilizadas em sala de aula com a ajuda de técnicas de apresentação (uso do microfone) desenvolvidas pelas aulas de expressão oral adquiridas na biblioteca.

Assim os meios estão presentes para complementação, mas poderiam ser aprofundados em estudos e atividades específicas. A finalidade desse estudo é promover a

educomunicação não tendo uma conotação didática, mas trazendo até mesmo de forma lúdica, a questão da reflexão e da crítica.

A biblioteca infantil Letícia Gontijo tem em suas ações a satisfação de ter em seu espaço a realização das aulas de expressão oral. O Colégio Ari de Sá considera que a criança deve desenvolver seu potencial e suas habilidades no campo da leitura e da oralidade. Nas aulas são realizadas atividades múltiplas. Semanalmente os alunos acompanhados por seus professores freqüentam a biblioteca para desenvolver as seguintes atividades direcionadas:

- Leitura de poesias de autores renomados e momento de declamação em recital;
- Leitura de fábulas e apresentação em forma de dramatizações;
- Leitura de gibis para exploração de diálogos;
- Leitura de jornais para a produção de telejornais;
- Leitura de imagens para interpretações.

Todas essas atividades são realizadas com utilização de recursos adequados como: palco para apresentações, microfone, figurino, som, equipamento de multimídia, jornais, revistas e outros.

Assim queremos tecer comentários quando dizemos que a educomunicação pode ser desenvolvida e que de forma mascarada nas aulas de expressão oral se apresenta na sua essência como crítica as produções midiáticas existentes. As várias leituras que se apresentam são formas de produção a partir de contextos já definidos, mas que requer dos alunos algo novo para a forma de expressar oralmente aquilo que está lendo e falando. Essa atividade é riquíssima para aumentar também a bagagem cultural dos alunos, aonde vão tem contato com vários tipos de textos, poesias, prosas, reportagens de jornal, revistas, ampliando o seu entendimento de mundo e seus acontecimentos nos aspectos culturais, políticos e sociais.

Propomos que leitura dos meios de comunicação também possa fazer parte dessas leituras que essa biblioteca escolar infantil desenvolve e que outras bibliotecas escolares também participam dessa transformação de pensar e de agir. Ações podem ser desenvolvidas sem a presença no primeiro momento de aparato tecnológico ou alguns meios mais específicos da

mídia. Mas pode aprofundar ações em relação à produção de conteúdos para a mídia, com produção própria dos alunos, mostrando a realidade da escola e da sociedade.

Alguns teóricos comentam que os meios de comunicação em alguns países não são aceitos como uma ferramenta nova para produzir a educação para os meios, que estes mesmos meios só servem para ilustrar e distrair. Segundo GOMEZ :

Os meios de comunicação são vistos como algo que deve ficar fora da escola, fora do processo educativo formal. Quando se aceita que algo dos meios de comunicação entre na escola trata-se de algum programa instrutivo, algum filme que possa transmitir uma mensagem positiva aos estudantes ou simplesmente vídeos educativos, produzidos pelo Ministério da Educação (2005, p.17).

A educomunicação é muito mais do que só ilustração de aulas ou vídeo educativo. Um projeto elaborado por bibliotecários, professores, pessoas engajadas com ONGs que desenvolvam esse tipo de trabalho com a finalidade de desenvolver propostas de interferência na mídia podem contribuir para melhorar o desempenho escolar dos alunos e sua atuação na sociedade.

Laboratórios midiáticos podem ser criados pela biblioteca mas é necessário que o bibliotecário, os demais funcionários da biblioteca e todo o corpo docente da escola tenham a iniciativa de querer trabalhar essas novas possibilidades e ter abertura para aprender a manusear os meios e fazer com que seus alunos participem das atividades estimulando os ecossistemas comunicativos tão difundidos por SOARES (2004).

4.3 Ações educativas da biblioteca escolar usando as mídias

O Colégio Ari de Sá tem grande credibilidade em ensino aqui em Fortaleza por tem um bom corpo de professores, coordenadores pedagógicos e pela bibliotecária que dá todo o suporte necessário para o bom desempenho das atividades em que a biblioteca é convidada a está presente.

As ações que mostraremos a seguir são algumas das atividades desenvolvidas pela biblioteca com o apoio dos professores, que também são considerados usuários, além de serem os maiores pesquisadores e leitores da biblioteca. É bom considerar que a direção do colégio deu abertura ao trabalho que a biblioteca poderia desenvolver e deixou tudo a cargo da bibliotecária

Neiva para que a biblioteca fosse um local de estudo, de leitura e aprendizagem. Talvez não imaginava o colégio que a biblioteca fosse galgar um destaque importantíssimo entre a comunidade escolar.

As atividades aqui identificadas são uma antecipação do que a biblioteca colocou em destaque para o colégio de que ela tem autonomia e pode desenvolver atividades criativas, lúdicas e educativas que atraem o seu usuário mais importante, o aluno. Com certeza o colégio não pensou que a biblioteca tomasse proporções tão intensas e que a confiança depositada sobre ela são recompensadas em seus resultados positivos. Por isso mostramos a força que a biblioteca escolar tem diante da educação e diante do mundo novo que se apresenta aos alunos do século XXI.

As atividades que iremos abordar pouco utilizam os meios midiáticos, mas tem papel importante pela produção desenvolvida pelos alunos. Vamos também apresentar alguns projetos que a biblioteca desenvolve com a participação da coordenação pedagógica e professores.

Algumas dessas atividades são:

- *Show de talentos*
- *Debate de idéias*
- *Propaganda de produtos*
- *Jornal falado*
- *Oficinas culturais e literárias*
- *Criação de histórias*

Tais ações desenvolvidas mostram de maneira simples, mas significativa, que a biblioteca pode interferir na aprendizagem dos alunos. Todas essas atividades contam com a participação de todos, desde os alunos até os professores e a direção. Percebemos que em suas estruturas, buscam o mesmo modelo de desenvolvimento divulgado pela mídia. Por exemplo, no jornal falado, deve existir o apresentador; no show de talentos, se for uma apresentação musical, deve existir o palco, os instrumentos musicais e toda a estrutura que é referência para essas práticas comunicativas. Mas que no seu conteúdo revelam o que os alunos têm a dizer sobre as temáticas propostas nas atividades.

Outros tipos de ações que a biblioteca leva a frente são os projetos que tem uma relevância ainda maior. Trabalham com a produção textual dos alunos, com aulas de expressão

oral e com orientação pedagógica para os pais. O projeto **Quem está lendo o quê?** surgiu quando os alunos começaram a divulgar nos corredores da escola alguns assuntos que tinham lido. A bibliotecária percebendo que os alunos estavam procurando constantemente a biblioteca devido à divulgação dos colegas, resolveu desenvolver a atividade que toda comunidade escolar é convidada a participar (alunos, pais, professores e funcionários). A atividade passa pelas seguintes etapas:

- Escolhe-se livremente, na biblioteca, três títulos emprestados.
- O aluno faz uma resenha do livro lido e entrega-o na biblioteca.
- A biblioteca envia a resenha para a gráfica da escola, onde é produzido um cartaz. Nele contêm a resenha e a capa do livro, além da foto do aluno e a sua identificação.
- Os cartazes são divulgados nas galerias da escola e também encontram disponíveis na Internet pela home-page do colégio.

Quando o aluno entrega a resenha e a biblioteca percebe que o texto não está bem elaborado ou que existem erros gramaticais, ele é convidado a fazer uma correção ou refazer a resenha para que seja divulgado. Todas as resenhas que chegam na biblioteca são disponibilizadas de acordo com a ordem de chegada, mas nenhuma deixa de ser divulgada. Isso é entendido com uma forma de estimular o aluno à leitura e a escrita simultaneamente.

O projeto **Refletindo com os Pais**, é uma ação da coordenação pedagógica da escola com o apoio da biblioteca que orienta os pais em determinadas situações que se apresentam em relação aos alunos. O trabalho é realizado entre escola e família. Situações como: separação dos pais, doença na família, morte na família ou qualquer outro tipo de dificuldade que a coordenação percebe que afeta o rendimento do aluno são encaminhadas para esse projeto que tem por objetivo orientar os pais como eles devem proceder e ajudar também o aluno. Mensalmente o SOP (Serviço de Orientação Psicopedagógica) escreve um texto relacionado à problemática que se está abordando, conversa com os pais em reunião ou numa visita solicitada pela escola. No final deste texto existem três opções de livros indicados pela biblioteca para que os pais possam levar para ler em casa.

A biblioteca também é disponibilizada para os pais que podem levar os livros por um determinado período de empréstimo. Esse serviço oferecido pela escola com o apoio da

biblioteca tem chamado atenção pela grande aceitação e pela participação dos pais na vida escolar dos seus filhos, que é de fundamental importância. A biblioteca poderia focar ainda mais as temáticas abordadas pelo SOP, buscando também nos meios, como a mídia aborda aquelas situações que apresentamos anteriormente. Seria uma forma de ilustrar e de analisar como as mensagens são absorvidas pelos alunos, se eles agem referente a situações apresentadas pelos programas de televisão e telenovelas. Poderia ser um ponto a ser questionado e avaliado pela biblioteca e pelo SOP, a inclusão também dos produtos da mídia nessa atividade.

Com tantas atividades a desempenhar, a biblioteca ainda conta com a campanha publicitária que o colégio realiza. A proposta pedagógica da escola visa o estímulo permanente do aluno ao *hábito* da leitura como valor primordial. A propaganda é muito forte e chama a atenção realmente.



Figura. 5



Figura. 6

Gostaríamos de questionar a colocação da palavra *hábito* da leitura. Quando se fala em *hábito* entendemos algo mecânico, que precisa ter hora marcada para executar essa atividade, como se fosse um costume do aluno fazer todos os dias a leitura porque tem que fazer. Seria mais apropriado dizer que a leitura é um prazer, que se lê porque se gosta, se sente bem, se tem liberdade para transpor barreiras de espaço e lugar. Ter prazer pela leitura seria uma colocação mais apropriada nesse contexto.

Todas essas atividades que mencionamos até agora e as demais que vamos explorar são planejadas em reuniões envolvendo a direção da escola, os professores e a bibliotecária. O planejamento é disposto em quadro de horários que encaixam todas as turmas nos seus diversos horários para atender a todos. Nessas reuniões a bibliotecária negocia com a escola condições favoráveis para o bom funcionamento da biblioteca como equipamentos, estrutura física e a realização das atividades. A escola nas suas condições atende as solicitações.

Quando escolhemos a biblioteca infantil Letícia Gontijo para a realização desta pesquisa e fizemos a primeira visita, solicitamos de Neiva algumas informações, como a metodologia que a biblioteca utiliza para desenvolver as atividades e informações do acervo e

projetos. Para a nossa surpresa Neiva nos respondeu que as atividades são realizadas tão livremente que não havia um manual descrevendo essas atividades e que o material que havíamos solicitado seria preparado para ser repassado mediante a apresentação de um ofício da instituição de ensino superior que está promovendo a pesquisa.

Assim, percebemos que a biblioteca não tem documentado a sua própria história, o seu próprio fazer bibliotecário. Quando não tem registrado essas informações a biblioteca perde a oportunidade de gerar conhecimento científico sobre a biblioteca escolar. Neiva comentou conosco de forma informal, que o profissional bibliotecário precisa sair detrás dos livros e mostrar o que aprendeu na graduação para desenvolver um bom trabalho e colher bons frutos deste trabalho. Neste aspecto concordamos com ela, mas concordamos que o trabalho intelectual e científico difundido pela universidade deve continuar e que deve partir da práxis que se executa no mercado de trabalho.

Na literatura biblioteconômica percebemos que a biblioteca escolar é excluída e quase nada se escreve sobre ela. Quando encontramos um trabalho bem desenvolvido e de grande valor para a área não temos informações documentadas que possibilite a difusão das riquezas e proposta de aprendizado e conhecimento que ela pode propiciar. Por isso concordamos que informações sobre esse trabalho ou outros trabalhos sobre biblioteca escolar seja disponibilizado para o Curso de Biblioteconomia, para que esse estudo possa gerar aquela especialização que tanto comentamos neste trabalho. Temos a convicção de que se estudos fossem realizados neste sentido a biblioteca escolar teria mais importância e mais sucesso nos seus empreendimentos junto à escola.

Precisamos sair da mesmice de achar que a biblioteca escolar está bem do jeito que está, enquanto não existe profissional especializado atuando e os alunos procuram as bibliotecas públicas para realizar suas pesquisas escolares. Comentamos no primeiro capítulo deste trabalho à realidade vivida pela biblioteca escolar e sua situação de desprezo e esquecimento. Segundo Silva nesta perspectiva do trabalho científico também ressalta que:

Do ponto de vista da produção científica sobre a biblioteca escolar, também é evidente o silêncio predominante. Qualquer levantamento bibliográfico sobre o tema esbarra na dificuldade de identificação de fontes documentais, principalmente de obras mais elaboradas como livros, dissertações ou teses (1999, p.18).

Faz-se necessário uma proposta de biblioteca escolar que diga como devem superar de maneira concreta suas dificuldades. Muitos exemplos isolados podem se encontrar, mas é preciso que uma literatura consistente exista para aproximar a teoria da realidade. Por isso trabalhos de bibliotecas escolares bem sucedidos devem sim, ser publicados e registrados para que outras escolas possam desenvolver temáticas parecidas e superar suas limitações mediante a base ou à luz de um trabalho já desenvolvido.

4.4 O livro como mídia

Diante de todas essas ações que estamos analisando, uma em especial ficou bem clara para nós: que tudo gira em torno do livro e do leitor, que o livro é o ponto central de todas as atividades realizadas pelo colégio e pela biblioteca.

Quando conversávamos com Neiva fizemos o questionamento de qual deveria ser o posicionamento dos professores em relação às novas tecnologias no ensino pedagógico. E ela nos comentou dizendo: *“Olha, o professor é acima de tudo um pensante, um pensador. Então acredito que antes ele tem que está muito focado, no que ele vai pesquisar. Eu acho que hoje em dia, nós temos muita coisa na Internet, muita coisa que acaba sendo ruim. Mas que ele não pode esquecer da fonte fundamental e a fonte do maior conhecimento humano que é o livro. E assim, em cima dessa fonte que é o livro, ele pode está inserindo ou então selecionando essa informação e passando para a multimídia, passando para todos esses meios e através desses meios chegar ao aluno. Mas acho que ele não pode esquecer que a maior fonte do conhecimento é o livro”*.

A biblioteca nas suas atividades desperta no aluno o seu lado autor e pela criação de história faz com eles tenham mais prazer pela leitura e tenha orgulho de mostrar um pequeno livro feito por eles mesmos e ilustrado por algum cartunista ou desenhista profissional. Ações deste nível chamam atenção dos alunos e principalmente da escola que percebe a participação, o entrosamento e o bom rendimento dos alunos em sala de aula. No discurso proferido por Neiva, é exaltado o livro como a fonte maior de conhecimento. Mas devemos lembrar que, no momento em que nos encontramos, no auge da tecnologia e das inovações tecnológicas, os diversos meios não podem ser deixados de lado. O conhecimento e inclusão desses meios se fazem necessário para a construção de uma aprendizagem múltipla e diversificada.

Percebemos assim, que não há uma preocupação inicial com relação às novas tecnologias, em saber que tipo de informação se recebe, quem são aqueles que têm os meios de produção midiáticos em suas mãos e como os alunos podem interferir na análise e na produção da mídia local. A preocupação maior é em relação à aprendizagem do aluno, sua escrita e sua leitura que vai prepará-lo para outras leituras do mundo, pois sem esta base alicerçada, acabaram sendo excluídos da sociedade que participam. Não serão cidadãos conscientes do seu papel enquanto indivíduos desta sociedade.

Como a leitura é o principal objetivo da biblioteca, muitas ações são desenvolvidas para esse fim. Além das que já mencionamos em tópicos anteriores, vamos também apresentar o trabalho mais esperado pela comunidade escolar e o mais prazeroso realizado pela biblioteca que é a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca.

Este ano aconteceu a VI Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, que teve por tema “Ceará Conta e Encanta”, onde a proposta era o conhecimento de autores cearenses e suas obras divulgadas para os alunos. Durante a semana aconteceram muitas atividades como: contação de histórias, apresentações artísticas realizadas pelos próprios alunos, palestras e entrevista realizadas com os autores, show de talentos durante os intervalos, narrativas em cordéis, além da premiação aos maiores leitores da biblioteca. Vale ressaltar que a programação foi realizada em todas as Sedes do Ari de Sá e as atividades para crianças e adolescentes eram realizadas simultaneamente em locais diferentes dentro do colégio. É o tipo de ação que requer muito planejamento e coordenação, mas ao final todos os esforços são recompensados pelo reconhecimento do colégio e dos alunos.

Além de toda essa programação aconteceu a feira do livro, onde estandes foram arrumados para dar a impressão de está sendo realizada a bienal do livro no próprio colégio.



Figura 7

A divulgação do evento alcançou todos os cantos da cidade pela mídia. Foram confeccionados folderes, outdoors, informe publicitário em jornais da cidade, camisas e outras formas de divulgação.

O objetivo do evento não era somente a divulgação da semana, mas fazer com que os alunos conheçam os seus autores, autores cearenses, autores da “terra da luz”, que muitas vezes não sabemos nem que eles existem. A intenção é dar valor aquilo que de melhor temos em literatura e cultura regional.

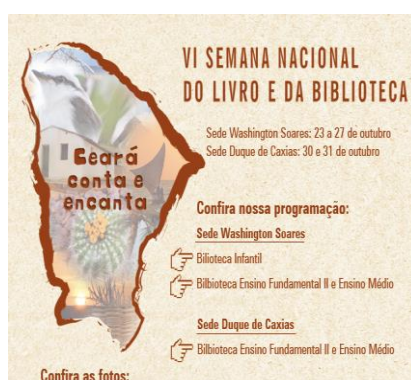


Figura. 8



Figura. 9

Reforçamos que todas essas iniciativas são concretizadas pelo esforço e trabalho da biblioteca que toma a frente no projeto tão audacioso como esse. Ressaltando que todo o colégio trabalha em conjunto: direção, professores e bibliotecária juntamente com sua equipe. Não se concebe um trabalho pedagógico e bibliotecário isoladamente, com certeza se não houvesse a participação dos professores e dos pais, a biblioteca não teria tanto destaque e importância na vida escolar dos alunos. O incentivo da aprendizagem e da leitura deve partir também da família que é a primeira escola, o primeiro aprendizado que a criança tem contato na vida.

Perguntamos à Neiva na entrevista como a direção via o trabalho desenvolvido pela biblioteca. Então ela nos respondeu da seguinte maneira: *“Eu sou muito suspeita. Eu sempre digo que o profissional, ele se faz reconhecer pelo seu trabalho. E eu sempre digo para todos os*

meus colegas que sou uma privilegiada. Porque a escola, ela confia no meu trabalho. A escola confia no trabalho desenvolvido pelas bibliotecas. Ela me dá respaldo, haja vista que nós todos os anos, nós compramos livros. Nós estamos atualizando as bibliotecas de dois em dois meses. E mesmo, se o aluno vem e sugere um livro que nós não temos na biblioteca, a escola compra aquele livro. Então assim, eu sou muito feliz e tenho orgulho de dizer que sou bibliotecária desta escola, pela credibilidade que ela tem e pelo respaldo que a direção me dá. Me dá a biblioteca pelo trabalho que é desenvolvido junto à comunidade escolar. Ela tem credibilidade junto ao professor, junto ao SOP, junto à direção. Junto à comunidade escolar, aos nossos pais e aos alunos, porque se percebe no dia-a-dia. E assim, nós fechamos o ano, por exemplo, à biblioteca da Sede Duque de Caxias com empréstimo de 76.000 livros só em uma biblioteca. Então, não precisa dizer mais nada (...) E os alunos também confiam, por que se não confiassem, eles não estariam vindo à biblioteca. O aluno se sente compensado, ele sabe que pode contar com a biblioteca. E tanto aluno, quanto o pai sabe que pode contar, que ele pode ir a biblioteca, porque ela está lá, junto à escola para complementar o estudo realizado em sala de aula “. Isso mostra que a biblioteca, ela tem potencial para gerar conhecimento e auxiliar na complementação no ensino que já é oferecido pela escola”.

Outras atividades que incentivam a leitura são as Oficinas de Leitura e o Espaço Vivaleitura. Segundo a bibliotecária as Oficinas de Leitura “objetivam desenvolver, em conjunto com os participantes, mecanismos que possam dinamizar o ato da leitura, tornando-o mais prazeroso e criativo, onde o leitor se descubra”. Visa contribuir na formação de leitores críticos e sensíveis as diferentes representações de leitura, valorizando a biblioteca enquanto espaço crítico, dinâmico, criativo e de inúmeras possibilidades. Algumas atividades vinculadas às oficinas são:

- Dramatização dos livros escolhidos;
- Ilustrações;
- Dobraduras;
- Desenhos;
- Colagens;
- Confeções de painéis com pinturas.

Nesse aspecto dos vários tipos de leitura é que convidamos a inclusão da leitura da mídia e dos meios de comunicação. Segundo Moran existe um tipo de leitura que “oferece instruções para que o aluno perceba melhor a relação entre a linguagem e o conteúdo e possa

apreciar mais amplamente um filme ou um programa de televisão” (REMOTO CONTROLE 2004, p.261). Não queremos separar as atividades envolvendo a leitura e os livros, das atividades em que os meios de comunicação são o foco. O que convidamos é a junção da leitura de textos, de formas escritas com textos de multimídia, textos que envolvem imagem, som e texto. É fazer com que os alunos apreciem realmente um conteúdo midiático mais realista e consistente.

O Espaço Vivaleitura propicia um contato mais informal do aluno com os livros. Durante os recreios os alunos encontram um recanto com pequenas estantes, onde são oferecidas leituras simples e prazerosa como gibis, revistas infantis, revistas científicas, textos contendo curiosidades e brincadeiras. Outras atividades são organizadas pelos alunos com o auxílio de recreadores como:

- Contação de história com esquetes;
- Leitura de textos produzidos pelos próprios alunos;
- Declamação de poemas;
- Apresentação de estudos bibliográficos de autores de histórias infantis.

Esta atividade convida toda a comunidade escolar a participar, compartilhando sugestões e contribuindo para que as ações da biblioteca formem cidadãos críticos e criativos perante as várias leituras que podem realizar.

Ressaltamos que a leitura é o principal objetivo que a biblioteca no trabalho que vem desenvolvendo deseja alcançar. O livro transforma-se no meio de comunicação mais utilizado e apreciado pela comunidade escolar. Ele é a fonte principal que leva o aluno a gerar conhecimento e ao mesmo tempo, conhecer sua realidade e levar ao imaginário de outras civilizações e culturas. Em todas as atividades desenvolvidas pela biblioteca a leitura vem em primeiro lugar.

Diante desta perspectiva, convidamos a biblioteca escolar Letícia Gontijo a traçar uma proposta de inclusão de uma educação voltada para a mídia e os meios de comunicação, de maneira mais profunda e mais crítica, buscando do próprio cotidiano, elementos que os alunos já conhecem e podem questionar, analisar e produzir novas formas de visualizar e assimilar a mídia e as novas tecnologias no ambiente escolar.

4.5 A proposta da educomunicação para a biblioteca escolar

Sabemos que a educação depende da biblioteca, que ela sozinha não vai garantir o aprendizado total do aluno. O aprendizado é construído de várias formas e no ambiente escolar, a biblioteca se constitui uma delas. Na biblioteca o aluno pode encontrar um local apropriado para sua leitura particular, para a sua pesquisa escolar e para a sua mudança de pensamentos em relação à sociedade e suas relações. Como assim?

Quando tratamos da temática da educomunicação, queremos que os alunos tenham um pensamento diferente em relação ao seu uso e análise. Em relação à biblioteca escolar, queremos que atividades sejam desempenhadas, voltadas para a produção e criação, combatendo a mesmice que, muitas vezes, encontramos dentro da sala de aula. Na pesquisa realizada a princípio achávamos que a biblioteca escolar realizava atividades de educomunicação, mascaradas nas atividades desenvolvidas pela mesma. Mas descobrimos que a biblioteca não focaliza a análise, a crítica e o questionamento sobre os meios. Então queremos propor ações que tragam a essência da educomunicação para a biblioteca escolar.

Primeiro passo para a prática da educomunicação, seria o entendimento da mesma. Procurar conhecer as características, os conceitos, os objetivos voltados para a educomunicação. Nesse aspecto concordamos que alunos universitários que trabalhem com essa perspectiva, poderiam auxiliar neste primeiro momento.

Segundo, conhecer a clientela com qual se vai trabalhar. Deve ser trabalho primeiro os bibliotecários e o corpo docente da escola, e depois trabalhar diretamente com os alunos. Um planejamento, após o “treinamento” com os bibliotecários e professores, deve descrever como as atividades vão alcançar os alunos pela educomunicação.

Sugerimos que uma atividade mensal seja desenvolvida englobando a educomunicação. Se não for possível realizar essa atividade nesse período, que seja ampliado para atividade bimestral ou semestral. A atividade poderia ser planejada, em parceria com alguma ONG que trabalhe com a perspectiva da educomunicação. Por exemplo, uma atividade que busque conhecer primeiramente a história dos meios de comunicação, como a história do rádio ou da televisão brasileira, além de jornal e de outros meios de comunicação. Em seguida, seria estudada a estrutura que compõem esses meios e como eles são difundidos. E por último, poderia

ser dramatizado um desses meios, mostrando com seriedade produzido, segundo a realidade da escola e dos alunos.

Uma atividade interessante que tratamos com ênfase neste trabalho, é a questão dos telejornais. Os alunos podem exercitar as várias leituras que os meios propõem e produzir novas formas midiáticas, partindo do modelo já existente. Existindo uma temática central para esta atividade, os alunos se dividiriam em apresentadores do telejornal, os repórteres, os câmeras (nem que fossem só de imaginação), os produtores, os editores, enfim todos aqueles que colaboram em um telejornal. E essa atividade seria apresentada a toda comunidade escolar.

Após essa atividade, a escola poderia promover uma visita às emissoras de televisão da cidade, ou uma visita ao jornal de grande circulação, para os alunos terem uma visão mais ampla de como os produtos, as informações chegam até nós pelos meios. Complementando, uma semana da mídia poderia ser organizada também, tratando de temas que surgem com as novas tecnologias e os meios de comunicação. Nessa semana, além de discutir as questões da mídia, debates com profissionais que trabalham diretamente com a mídia seria interessante, pois tirariam dúvidas e reforçaria a proposta da educomunicação de confrontar os antigos modelos com novas formas de se entender os fenômenos midiáticos. Essa seria a nossa proposta inicial.

Uma segunda proposta, que comentamos em tópicos anteriores, é a produção de um programa de rádio. Esse programa seria dirigido pelos alunos, com auxílio dos bibliotecários e dos professores. O programa seria para informar a comunidade escolar daquilo que está acontecendo na escola e para discutir problemas do cotidiano e promover o debate dos alunos sobre como a mídia anda interferindo na realidade.

Mas sabemos que para a concretização deste programa, teria que existir os aparelhos de som disponibilizados nas dependências da escola. Como nem todas as escolas, principalmente as públicas, são providas dessa aparelhagem, podemos sugerir duas direções para esse fim. As escolas podem ter parcerias com projetos que trabalhem com a educomunicação para conseguir a aparelhagem, ou a biblioteca pode realizar uma atividade que englobe a questão do rádio, através da dramatização, ou de outro meio para a discussão das mensagens repassadas pelo rádio.

E uma terceira atividade vislumbraria a própria produção textual dos alunos. A produção do jornal na escola, que poderia ficar disponível na home-page da escola para divulgação pela Internet. A produção de artigos sobre os fenômenos da mídia, sobre as novas tecnologias, sua influência no ambiente escolar. O material produzido poderia ser reunido em anais ou coletâneas que podem ser disponibilizadas na biblioteca para a consulta dos próprios alunos.

A biblioteca pode realizar a feira da mídia ou a feira da tecnologia, pesquisando junto com os alunos as novas tendências tecnológicas, como utilizar os meios de comunicação em proveito de uma educação mais criativa e reflexiva.

Essas atividades que propomos, devem ser planejadas segundo a forma de trabalho da escola e da biblioteca, alcançando não só os alunos, mas professores, coordenadores e direção. Abordar a mídia como ferramenta para auxiliar na educação, na atualidade, ainda sofre resistência por parte dos profissionais de educação, principalmente pelos professores. Mas a biblioteca pode abrir novos horizontes para a aceitação de atividades que envolvam os meios de comunicação, sua produção e sua análise.

Assim, ressaltamos a presença de um estudo elaborado e organizado, que venha ao encontro das atividades educacionais. Convocando alunos universitários (Biblioteconomia, Comunicação e Educação) e profissionais da área comunicativa, a realizarem estudos e propostas concretas, para que os alunos também possam participar dos fenômenos midiáticos da atualidade.

A biblioteca nessa perspectiva, deve unir os seus serviços e atividades que tenham por finalidade, contemplar as leituras múltiplas, tanto da leitura escrita quanto da leitura dos meios de comunicação. Formar cidadãos conscientes e críticos, também é papel da biblioteca. É deixar nítido para a comunidade escolar, e principalmente para os alunos, que muitas são as informações que recebemos diariamente dos meios, mas que devemos ter a percepção de sabemos quais realmente são importantes e necessárias para o nosso aprendizado.

Assim, ressaltamos a presença da biblioteca nessa nova realidade educativa que se apresenta. Que os bibliotecários busquem essa nova vertente, que pode ser aprimorada em favor de uma educação de qualidade e de uma biblioteca escolar mais presente e participativa na vida escolar dos alunos e na colaboração das atividades escolares.

5 CONCLUSÃO

O trabalho que apresentamos revela a realidade da biblioteca escolar; a proposta da educomunicação como ferramenta para a análise da produção midiática e a inclusão das novas tecnologias na educação, e na própria biblioteca escolar, e por último o trabalho desenvolvido por uma biblioteca escolar que se revela em um exemplo prático da temática tratada neste estudo.

Vislumbramos alguns aspectos que para nós foram de grande relevância nesta pesquisa. Comentamos no capítulo dois sobre a importância que a biblioteca escolar tem para toda a comunidade escolar. Que seus serviços estejam de acordo com sua clientela principal, que são os alunos. Tratamos também da questão das atividades que a biblioteca pode desenvolver utilizando as novas tecnologias para complementação das atividades realizadas em sala de aula, e as outras possibilidades que possam contribuir para o aprendizado dos alunos através da tecnologia e da mídia.

A partir da biblioteca escolar partimos para o capítulo três, trazendo a temática propriamente dita: a educomunicação. Ressaltamos a educomunicação não só como a educação para a mídia ou a educação para os meios de comunicação, mas como a educação que de forma lúdica e descontraída pode questionar, analisar, criticar a mídia e os produtos que a mesma produz que estão sendo veiculados pelos meios. Saber que a mídia influencia no nosso cotidiano e que de alguma forma podemos interferir e dizer o que realmente queremos ler, assistir e ouvir por ela.

Comentamos também sobre os fenômenos midiáticos, as transformações ocorridas devido à descoberta dos meios de comunicação e das novas tecnologias no cotidiano das pessoas. Como a educomunicação envolve a questão educacional, abordamos a educomunicação especificamente no Brasil pelo método do pedagogo Paulo Freire que muito contribuiu na vertente da apropriação dos meios de comunicação e uma educação mais libertária e que alcançasse não só crianças e jovens, mas adultos também. E juntamos a teoria, a proposta que a biblioteca escolar pode desenvolver a educomunicação incluída as atividades de estímulo à leitura, pesquisa escolar e produção textual que já desenvolve.

No capítulo quatro comprovamos que a biblioteca escolar desenvolve a educomunicação. Pesquisamos a biblioteca infantil Letícia Gontijo do Colégio Ari de Sá e descobrimos que muita das atividades desenvolvida tem a proposta da educomunicação, mas pelo

fato de não conhecer essa nova área de estudo, a educomunicação fica deslocada da realidade da biblioteca. Ações de leituras, oficinas de leitura, jornal falado, projeto quem está lendo o quê? que são desenvolvidas, são ações educacionais em sua essência, na vertente da apropriação dos meios. Onde temos condições dessa apropriação e a partir dela produzir textos, vídeos, programas de rádio que mostrem a realidade do cotidiano e mostre o lado educativo da mídia e dos meios de comunicação.

E tecemos nossas considerações finais na conclusão, onde trazemos nossas análises e conclusões acerca da pesquisa realizada sobre o tema proposto.

A primeira conclusão que chegamos é a de que a educomunicação não é conhecida pela biblioteca escolar e muito menos pela escola. Então propomos que a educomunicação seja difundida e que profissionais bibliotecários e educadores possam estar abertos para inserir em suas práticas uma educação que também contemple a mídia e os meios de comunicação. Que as novas tecnologias não sejam entendidas como ferramentas de mera ilustração para aulas expositivas dadas em sala de aula e muito menos para distrair os alunos em momentos de lazer. As novas tecnologias podem até ter essa finalidade, mas sejam encaradas de maneira mais profunda, mais crítica e questionadora.

Na biblioteca escolar, a educomunicação pode ser desenvolvida de maneira lúdica, pela brincadeira, deixando um pouco de lado a perspectiva didática-pedagógica e criando um aprendizado que tenha a questão reflexiva e crítica em si, mas tratada de maneira mais prazeroso e divertida.

A segunda conclusão que chegamos é a de que as atividades já desenvolvidas pela biblioteca podem ser complementadas com atividades voltadas para a mídia de forma aperfeiçoada. Trabalhar mais a questão da produção de programas de rádio, documentários, que possam ser disponibilizados pela biblioteca tendo o conteúdo, à edição e apresentação dos próprios alunos, produção de jornal, atividades que envolvam fotografia, o cinema e o teatro. Não pensar que ao tratar de mídia e novas tecnologias são somente os computadores e a informática. É procurar explorar outras formas já existentes para aprofundar e gerar novos conhecimentos. A biblioteca escolar pesquisada desenvolve um trabalho reconhecido pela escola e pelos pais e pode perfeitamente contribuir para que não só os alunos, mas pais, direção e funcionários participem desse novo horizonte da educação para a mídia através da educomunicação.

E por último concluímos que a biblioteca escolar ainda permanece esquecida no que diz respeito à produção científica da área biblioteconômica. Que estudos possam ser realizados e difundidos para os cursos de biblioteconomia, para que os estudantes tenham condições de discernir se realmente pretendem trabalhar com a biblioteca escolar ou com outra biblioteca de sua afinidade.

Esses estudos seriam de grande valia, pois teríamos condições de mostrar a realidade em que se encontram as bibliotecas escolares tanto públicas quanto privadas e abriria espaço para uma sonhada especialização de bibliotecários escolares, que trabalhariam as questões específicas da nossa área adaptada à realidade educacional existente.

Afinal, ressaltamos que o estudo realizado teve êxito por se tratar de uma biblioteca escolar privada que tem todas as condições favoráveis para a realização das suas atividades e por isso tem acesso aos equipamentos tecnológicos que a mídia oferece. Queremos dizer que na realidade que nos encontramos a questão da biblioteca escolar é muito crítica e quase inexistente.

O acesso às novas tecnologias em bibliotecas escolares públicas torna-se um problema, pois as políticas públicas não contemplam os meios como forma de interação com a educação. Medidas governamentais são inexistentes no sentido de garantir um bom funcionamento e aproveitamento da biblioteca escolar.

Quando se trata de biblioteca de escola privada a realidade muda completamente. A escola entende que a biblioteca faz parte da educação e que o aluno deve ter esse contato mais íntimo com a mesma. Percebemos que investimentos são destinados para a biblioteca para que funcione da melhor maneira possível e que os alunos tenham consciência de que ela é parte fundamental na construção do seu aprendizado.

Então propomos que a biblioteca escolar mostre para toda a comunidade escolar que ela pode contribuir de alguma forma na construção de cidadãos conscientes e críticos perante a sociedade. E que, posteriormente, projetos de educomunicação possam ser desenvolvidos com a participação de profissionais das áreas de biblioteconomia, comunicação social e educação,

abrangendo todas as bibliotecas escolares, tanto públicas quanto privadas, para que todas possam realizar uma educação para a mídia de maneira satisfatória e bem sucedida.

REFERÊNCIAS

BARROS, Laan Mendes de. Comunicação e educação numa perspectiva plural e dialética. In: **Revista de Estudos de Comunicação e Educação**. São Paulo, v.1, n.1, p.19-38, 1997.

BENTES PINTO, Vírginia. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. In: **Transinformação**, Campinas, v.17, n.1, p.31-43, 2005.

BORSERO, Cássia. **Novo olhar: produção de mídia como resgate da cidadania**. São Paulo: Mediática, 2006. Disponível em www.midiatica.com.br. Acessado em 21 de novembro de 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental-introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUCHT, Catharina; FEILITZEN, Cecília von. **Perspectivas sobre a criança e a mídia**. Brasília: UNESCO/SEDH, 2002.

CAMPELLO, Bernadete Santos (et. al). **A Biblioteca Escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CARRETERO, Mario. **Construtivismo e educação**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

CITELLI, Adilson. A linguagem entre a comunicação e a educação. In: **Comunicação e Educação**. São Paulo, v.9, n.1, p.7-8, jan/abr 2006.

CORDEIRO, Darcy. **Ciências, pesquisa e trabalho científico: uma abordagem metodológica**. 2.ed. Goiânia: Editora UCG, 1999.

DOUGLAS, Mary Peacock. **A Biblioteca da escola primária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E DE BIBLIOTECAS. **Manifesto da biblioteca escolar**. Portugal: Ministério da Educação, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Sobre educação “diálogos”**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v.2, 1984.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.

GOMÉZ, Guillermo Orozco. Mídia, recepção e educação. In: Revista **FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n.26, p.16-23, abril 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LIMA, Grácia Lopes. **Comunicação/Educação: a atualidade do tema**, 1998, p.2. Disponível em www.usp.br/nce/educunicacao/saibamais/textos/. Acesso em 21 de novembro de 2006.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (org.). **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: EDUFAL, 2002.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**. 4.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MORAN, José Manuel; MASSETO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 7.ed. Campinas: Papirus, 2003.

ORDOÑEZ, Marlene; QUEVEDO, Júlio. **História**. São Paulo: IBEP, 1999.

REMOTO CONTROLE. **Escola de comunicação no mesmo canal**. São Paulo: Cortez, 2004, p.256-289.

RESNICK, Mitchel. O computador como pincel. In: **Veja**. p. 90 de 18 de out 2006.

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

_____. Educomunicação: IIÊ AIYÊ e a visibilidade da cidadania negra. São Paulo. In: **XXIV Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação**. Campo Grande, 2000. Disponível em www.usp.br/nce/educunicacao/saibamais/textos/. Acessado em 21 de novembro de 2006.

SILVA, Waldeck Carneiro de. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1999.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** São Paulo: NCE/USP, 2004. Disponível em www.usp.br/nce/educunicacao/saibamais/textos/. Acesso em 21 de novembro de 2006.

THOMPSON, Jonh B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis:Vozes, 1998.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. In: **Ciências da Informação**, Brasília, v.22, n.1, p.19, jan/abr 1993.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARA
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA III

Prezada Senhora

Contamos com sua colaboração nesta entrevista que tem por objetivo identificar práticas de educomunicação na biblioteca escolar e o uso das novas tecnologias no processo pedagógico. Agradecemos pela atenção.

ENTREVISTA

1. Você conhece a Educomunicação ou a Educação para a mídia?
2. Na sua opinião qual a contribuição das novas tecnologias para a educação hoje e principalmente com o trabalho pedagógico que a biblioteca escolar procura desenvolver?

Quais as atividades desenvolvidas pela biblioteca com a ajuda das novas tecnologias?

3. Como acontece a interação dos alunos com esses meios?
4. E os professores utilizam as novas tecnologias em sala de aula? Eles participam das atividades desenvolvidas pela biblioteca?
5. Na sua opinião, qual deveria ser o posicionamento dos professores em relação às novas tecnologias no ensino pedagógico?
6. Qual o impacto sofrido pela biblioteca com o uso das novas tecnologias?
7. Como a direção da escola vê o trabalho desenvolvido pela biblioteca?